

Foucault, Michel. História da
loucura - na idade clássica.
3ª ed. São Paulo: Perspec-
tivo, 1993 (p. 458 - 503).

13. Nascimento do Asilo

As imagens são conhecidas. São familiares a todas as histórias da psiquiatria, onde têm por função ilustrar: essa era feliz em que a loucura é enfim reconhecida e tratada segundo uma verdade que não tinha sido enxergada durante tanto tempo.

A respeitável sociedade dos Quacres... desejou assegurar a seus membros que por infelicidade tivessem perdido a razão, sem ter fortuna suficiente para recorrer aos estabelecimentos dispendiosos, todos os recursos da arte e todas as amenidades da vida compatíveis com sua condição; uma subscrição voluntária forneceu os fundos, e há dois anos foi fundado, perto da cidade de York, um estabelecimento que parece reunir muitas das vantagens com toda a economia possível. Se a alma esmorece por instantes diante dessa doença terrível que parece feita para humilhar a razão humana, sente-se a seguir suaves emoções ao considerar-se tudo aquilo que uma beneficência vigilante soube inventar para curá-la e aliviá-la.

Esta casa está situada a uma milha de York, no meio de um campo fértil e risonho; o que ela provoca não é a idéia de uma prisão, mas antes a de uma grande fazenda rústica; está cercada por um grande jardim fechado. Nada de barras nem de grades nas janelas¹.

Quanto à libertação dos alienados de Bicêtre, o relato desse fato é célebre: a decisão tomada de tirar as correntes dos prisioneiros das celas; Couthon visitando o hospital para saber se nele não se escondiam suspeitos; Pinel comportando-se corajosamente, enquanto todos tremiam à vista "do

1. DELARIVE. Carta dirigida aos redatores da *Bibliothèque britannique* a respeito de um novo estabelecimento para a cura dos alienados. Este texto apareceu na *Bibliothèque britannique* e depois em brochura separada. A visita de Delarive ao Retiro data de 1798.

enfermo levado pelos braços dos homens". Confronto entre o filantropo sábio e firme com o monstro paralítico.

Pinel levou-o logo para a seção dos agitados, onde a visão dos alojamentos impressionou-o de modo penoso. Quis interrogar todos os doentes. Da maioria deles, recolheu apenas injúrias e palavras grosseiras. Era inútil prolongar por mais tempo o inquérito. Virando-se para Pinel: "Cidadão, será que você mesmo não é um louco, por querer libertar semelhantes animais?" Pinel respondeu com calma: "Cidadão, tenho certeza de que esses alienados são tão intratáveis somente porque são privados de ar e liberdade". — "Pois bem, faça como quiser, mas receio que você acabará sendo vítima de sua própria presunção". E com isso Couthon é conduzido à sua viatura. Sua partida foi um alívio; o grande filantropo logo pôs mãos à obra².

O que se tem aí são imagens, pelo menos na medida em que cada um dos dois relatos toma emprestada a parte essencial de seus poderes a formas imaginárias: a calma patriarcal da casa de Tuke, onde são lentamente apaziguadas as paixões do coração e as desordens do espírito; a firmeza lúcida de Pinel que domina com uma única palavra e um único gesto os dois furores animais que rugem contra ela e o espreitam; e essa sabedoria que soube tão bem discernir, entre os loucos furiosos e o sanguíneo convencional, qual deles constituía o verdadeiro perigo: imagens que levarão longe — até nossos dias — sua importância lendária.

Inútil recusá-las. Restam-nos bem poucos documentos mais válidos do que elas. Além do mais, elas são demasiado densas em sua ingenuidade para não revelar muito daquilo que não dizem. Na surpreendente profundidade de cada uma, seria necessário poder decifrar ao mesmo tempo a situação concreta que ocultam, os valores míticos que apresentam como verdade e que transmitiram e finalmente a operação real que foi feita e da qual elas oferecem apenas uma tradução simbólica.

E, antes de mais nada, Tuke é um Quacre, membro ativo de uma dessas inúmeras "Sociedades de Amigos" que se desenvolveram na Inglaterra a partir do fim do século XVII.

A legislação inglesa, como vimos, tende cada vez mais, no decorrer da segunda metade do século XVIII, a favorecer a iniciativa privada no domínio da assistência³. Organizam-se espécies de grupos de seguros, favorecem-se as associações de auxílio. Ora, por razões ao mesmo tempo econômicas e

2. SCIPION PINEL. *Traité complet du régime sanitaire des aliénés*, Paris 1836, p. 56.

3. Cf. *supra*, Parte III, Cap. 11.

religiosas, há mais de um século os Quacres representam esse papel, e no começo contra a vontade do governo.

Não daremos mais dinheiro a homens vestidos de negro para que auxiliem os pobres, para enterrar nossos mortos, para pregar a nossos fiéis: esses santos usos nos são demasiado estimados para que os descarreguemos nos outros⁴.

Compreende-se que, nas novas condições do final do século XVIII, uma lei tenha sido votada em 1793 para "o encorajamento e a manutenção das sociedades de amigos"⁵. Trata-se dessas associações, cujo modelo e, frequentemente, inspiração foram tirados dos Quacres e que através de sistemas de coletas e donativos reúnem fundos para aqueles de seus membros que estão necessitados, que se tornam enfermos ou caem doentes. O texto da lei especifica que se pode esperar dessas instituições "efeitos muito benéficos, secundando a felicidade dos indivíduos, e ao mesmo tempo diminuindo o fardo das cargas públicas". Coisa importante: os membros dessas sociedades são dispensados do *Removal* através do qual uma paróquia pode e deve livrar-se de um indigente ou de um doente pobre, se não for originário do lugar, mandando-o para sua paróquia de origem. Deve-se notar que essa medida do *Removal*, estabelecida pelo *Settlement Act*, devia ser abolida em 1795⁶, prevendo-se a obrigação da paróquia de encarregar-se de um pobre doente que não lhe pertence, se seu transporte puder ser perigoso. Temos aí o quadro jurídico do conflito singular que deu origem ao Retiro.

Pode-se supor, por outro lado, que os Quacres se mostraram desde logo vigilantes no que diz respeito aos cuidados e à assistência a ser dada aos insensatos. Desde o começo, estiveram às voltas com as casas de internamento; em 1649, George Fox e um de seus companheiros tinham sido enviados, por ordem do juiz, ao estabelecimento de correção de Darby para ali serem chicoteados e detidos por seis meses sob a acusação de blasfêmia⁷. Na Holanda, os Quacres foram várias vezes detidos no hospital de Rotterdam⁸. E quer por ter transcrito a opinião deles, quer por ter-lhes atribuído uma opinião corrente a seu respeito, Voltaire faz com que seu Quacre diga, em suas *Lettres philosophiques*, que o sopro que os inspira não é necessariamente a própria Palavra de Deus, mas às vezes a verborragia insensata do desatino: "Não po-

4. VOLTAIRE, *Lettres philosophiques*, ed. Droz, I. p. 17.

5. 33. GEORGE III, Cap. V, «For the encouragement and Relief of Friendly Societies».

6. 35. GEORGE III, Cap. VIII, A respeito dessa supressão do *Settlement Act*, cf. NICHOLLS, *loc. cit.*, pp. 112-113.

7. SEWEL, *The history of the rise, increases and progress of Christian People*, 3.ª ed., p. 28.

8. *Idem*, p. 233.

fundo
de
pensões

demos saber se um homem que se levanta para falar será inspirado pelo espírito ou pela loucura"⁹. Em todo caso, os Quacres, como muitas seitas religiosas do final do século XVII e começo do XVIII, se verão presos no grande debate da experiência religiosa e do desatino¹⁰. Para os outros, e talvez mesmo para eles, certas formas dessa experiência situavam-se no equívoco do bom senso e da loucura; e foi-lhes necessário, sem dúvida, a cada momento fazer a divisão entre um e outra; enquanto enfrentavam a pecha de alienação que não paravam de atribuir-lhes. Essa é provavelmente a origem do interesse um pouco suspeito que as Sociedades dos Amigos manifestaram pelo tratamento dos loucos nas casas de internamento.

Em 1791, uma mulher pertencente à seita é colocada num "estabelecimento para insensatos, nas proximidades da cidade de York". A família, que vive longe dali, encarrega os Amigos de zelar pela sorte da mulher. Mas a direção do asilo recusa as visitas, pretextando que a condição da mulher não permite que receba ninguém. Algumas semanas depois, a mulher morre.

Esse evento aflitivo naturalmente suscitou reflexões sobre a situação dos insensatos e sobre os melhoramentos que podiam ser adotados nos estabelecimentos desse tipo. Em particular, entendeu-se que haveria uma vantagem toda especial, para a Sociedade dos Amigos, em possuir uma instituição desse tipo, da qual ela mesma se encarregaria e onde poderia ser aplicado um tratamento melhor e mais apropriado que aquele normalmente praticado¹¹.

Tal é o relato feito por Samuel Tuke, vinte anos após o evento.

É fácil supor que esse seja um dos inúmeros incidentes provocados pela lei do *Settlement*. Uma pessoa sem muitos recursos cai doente longe de sua casa; a lei quer que seja mandada para lá. Mas seu estado, e talvez o custo do transporte, obrigam a que seja conservada onde está. Situação em parte ilegal que somente o perigo imediato pode justificar e que aliás, no caso presente, era legalizada por uma ordem de internamento assinada pelo juiz de paz. Mas fora do asilo onde a doente está detida, nenhuma associação de caridade, salvo a de sua paróquia de origem, tem o direito de vir em sua ajuda. Em suma, um pobre que cai gravemente doente fora de sua paróquia está exposto à arbitrariedade de um internamento que ninguém pode controlar. É contra isso que se levantam as sociedades de beneficência que obterão o direito de recolher no local aqueles de seus aderentes que caírem doentes, pela lei de 1793, dois anos após o incidente

9. VOLTAIRE, *loc. cit.*, p. 16.

10. O mesmo ocorre com relação aos místicos protestantes do final do século XVII e aos últimos jansenistas.

11. SAMUEL TUKE, *Description of the Retreat, an institution near York* (London, 1812), pp. 22-23.

mencionado por Samuel Tuke. Portanto, deve-se entender esse projeto de uma casa privada, mas coletiva, destinada aos insensatos, como um dos inúmeros protestos contra a velha legislação dos pobres e dos doentes. Aliás, as datas são claras, ainda que Samuel Tuke evite aproximá-las, em sua preocupação de deixar todo o mérito do empreendimento apenas para a generosidade privada. Em 1791, o projeto dos Quacres de York; no começo de 1793, a lei que decide encorajar as Sociedades de Amigos de beneficência, dispensando-as do *Removal*: a assistência passa assim da paróquia para a empresa privada. Nesse mesmo ano de 1793, os Quacres de York lançam uma subscrição e votam o regulamento da sociedade; e no ano seguinte decidem a compra de um terreno. Em 1795, o *Settlement Act* é oficialmente abolido; a construção do Retiro começa, e a casa poderá funcionar no ano seguinte. O empreendimento de Tuke inscreve-se exatamente na grande reorganização legal da assistência ao final do século XVIII, nessa série de medidas com as quais o Estado burguês inventa, para suas próprias necessidades, a beneficência privada.

O acontecimento que na França deu origem à liberação "dos acorrentados de Bicêtre" é de outra natureza, e as circunstâncias históricas de determinação é bem mais difícil. A lei de 1790 havia previsto a criação de grandes hospitais destinados aos insensatos. Mas, em 1793, nenhum deles existia ainda. Bicêtre tinha sido construída como "casa dos pobres"; nela se encontravam então, confusamente misturados, como antes da Revolução, indigentes, velhos, condenados e loucos. A toda essa população tradicional acrescenta-se aquela que foi ali colocada pela Revolução. Antes de mais nada, os prisioneiros políticos. Piersin, vigilante dos loucos em Bicêtre, escreve à Comissão das administrações civis, a 28 brumário, ano III, isto é, no mesmo dia da estada de Pinel: "Sempre há detidos mesmo para o tribunal revolucionário"¹². Depois, os suspeitos escondidos. Bicêtre foi utilizada, tal como a pensão Belhomme, a Casa Douai ou Vernet¹³, como esconderijo para suspeitos. Sob a Restauração, quando se terá de esquecer que Pinel era médico de Bicêtre, sob o Terror, lhe será atribuído o mérito de ter assim protegido aristocratas ou sacerdotes;

Pinel já era médico de Bicêtre quando, numa época de dolorosa memória, foi-se pedir a essa casa de detenção seu tributo à morte. O Terror a tinha enchido de padres, de emigrados que haviam retornado; o sr. Pinel ousou opor-se à extradição de um grande número deles, sob o pretexto de que eram alienados. Insistiram, sua oposição foi ainda maior, e logo assumiu a natureza de uma força que se impôs aos verdugos, e a energia de um homem normalmente tão sua-

12. Cit. in TUETÉY, *loc. cit.*, III, p. 369.

13. É na pensão Vernet, na rua Servandoni, que Pinel e Boyer haviam encontrado um refúgio para Condorcet, quando sua prisão foi decretada a 8 de

ve e fácil salvou a vida de inúmeras vítimas, entre as quais cita-se o prelado que neste momento ocupa uma das principais sedes da França¹⁴.

Mas deve-se levar em conta também um outro fato: é que Bicêtre havia-se tornado durante a Revolução o principal centro de hospitalização para os insensatos. Desde as primeiras tentativas para aplicar a lei de 1790, tinham sido enviados para lá os loucos libertados das casas de força, logo depois os alienados que superlotavam as salas do Hôtel-Dieu¹⁵. De modo que, mais pela força das coisas do que em virtude de um projeto estabelecido, Bicêtre viu-se transformada em herdeira dessa função médica que subsistira através da era clássica, sem confundir-se com o internamento, e que fizera do Hôtel-Dieu o único hospital parisiense onde a cura dos loucos foi tentada de maneira sistemática. Aquilo que o Hôtel-Dieu não havia deixado de fazer desde a Idade Média, Bicêtre é encarregada de fazer, no quadro de um internamento mais confuso que nunca; pela primeira vez Bicêtre torna-se o hospital onde os alienados recebem cuidados até a cura:

A partir da Revolução, com a administração dos estabelecimentos públicos só considerando o internamento dos loucos num hospício livre se forem nocivos e perigosos para a sociedade, os loucos só permanecem neles enquanto doentes, e assim que se tem certeza de sua cura completa, são inseridos no seio de suas famílias ou de seus amigos. A prova disso está na saída geral de todos os que recobravam o bom senso, e mesmo daqueles que haviam sido condenados à prisão perpétua por este Parlamento, sendo dever da administração manter presos apenas os loucos sem condição de gozar da liberdade¹⁶.

A função médica é claramente introduzida em Bicêtre; trata-se agora de rever todos os internamentos por demência que foram decretados no passado¹⁷. E, pela primeira vez na história do Hospital Geral, é nomeado para as enfermarias de Bicêtre um homem que já adquiriu certa reputação no conhecimento das doenças do espírito¹⁸; a designação de Pinel prova por si só que a presença de loucos em Bicêtre já é um problema médico.

14. DUPUYTREN, *Notice sur Philippe Pinel*. Extraído do *Journal des Débats* de 7.11.1826, p. 8. É provável que Dupuytren aluda ao Abade Fournier, que havia protestado no púlpito contra a execução de Luís XVI e que, após ter sido internado em Bicêtre como «atacado de demência», torna-se capelão de Napoleão e depois bispo de Montpellier.

15. Cf. por exemplo a portaria da Comissão de Segurança Geral ordenando a transferência para Bicêtre de um alienado que não pode ser conservado no grande hospício da humanidade. TUETÉY, *loc. cit.*, pp. 427-428.

16. Carta de Piersin à Comissão das Administrações Cíveis de 19 frimário, ano III, TUETÉY, *loc. cit.*, III, p. 172.

17. Segundo Piersin em 10 frimário ano III havia 207 loucos em Bicêtre. TUETÉY, *idem*, p. 370.

18. Pinel fora redator da *Gazette de Santé* antes da Revolução. Havia escrito vários artigos referentes às doenças do espírito, especialmente em 1787: «Os acessos de melancolia não são mais frequentes, dando mais razão para receios, durante os primeiros meses do inverno?». Em 1789: «Observações sobre o regime moral mais adequado para o restabelecimento, em certos casos, da razão perdida pelos maníacos». Em *La médecine éclairée par les Sciences physiques*, havia publicado um artigo «sobre uma espécie particular de melancolia que leva ao suicídio» (1791).

No entanto, não se pode duvidar que esse era igualmente um problema político. A certeza de que inocentes haviam sido internados com os culpados e pessoas com razão entre os furiosos há muito tempo já fazia parte da mitologia revolucionária:

Bicêtre seguramente tem criminosos, salteadores, homens ferozes... mas também, deve-se convir, uma multidão de vítimas do poder arbitrário, da tirania das famílias, do despotismo paterno... As celas ocultam homens, nossos irmãos e nossos semelhantes, aos quais se recusa o ar e que só vêem a luz através de estreitas frestas¹⁹.

Bicêtre, prisão da inocência, assombra a imaginação, como a Bastilha anteriormente:

Os salteadores, quando do massacre nas prisões, introduzem-se à força no hospício de Bicêtre sob o pretexto de libertar certas vítimas da antiga tirania que ela procurava confundir com os alienados. Vão armados de cela em cela; interrogam os detidos e deixam-nos onde estão se a alienação for manifesta. Mas um dos reclusos acorrentados chama a atenção deles pelas frases com sentido e pelas queixas mais amargas. Não era odioso que estivesse a ferros e que fosse confundido com outros alienados?... A partir daí, ele se excita, nessa tropa armada, com palavras violentas e gritos de impreciação contra o superintendente do hospício, e é obrigado a explicar sua conduta²⁰.

Sob a Convenção, novo motivo para assombro. Bicêtre é sempre uma imensa reserva de pavores, mas porque nela se enxerga um covil de suspeitos — aristocratas que se ocultam sob os andrajos de pobres, agentes do exterior que tramam, ocultos por uma alienação de encomenda. Mais uma vez é preciso denunciar a loucura para que resplandeça a inocência, mas também para que apareça a duplicidade. Assim, nesse pavor que envolve Bicêtre ao longo de toda a Revolução, e que dela fazem, nos limites de Paris, uma espécie de grande força temível e misteriosa, onde o Inimigo se mistura inextricavelmente ao desatino, a loucura representa alternadamente dois papéis alienantes: aliena aquele que é considerado louco sem ser louco, mas também pode alienar aquele que acredita estar protegido da loucura; ela tiraniza ou engana — elemento intermediário perigoso entre o homem razoável e o louco, que pode alienar tanto um como o outro e que ameaça a ambos no exercício de suas liberdades. De qualquer forma, ela deve ser *desmascarada*, de modo que a verdade e a razão sejam devolvidas à sua própria condição.

Nessa situação um pouco confusa — malha cerrada de condições reais e de forças imaginárias — é difícil precisar o papel de Pinel. Ele assumiu suas funções a 25 de agosto de 1793. Pode-se supor, como sua reputação de médico já era grande, que ele tinha sido escolhido justamente para “desmascarar” a loucura, para avaliar suas dimensões médicas

19. *Gazette nationale*, 12.12.1789.

20. Cit. in SÉMELAIGNE, *Philippe Pinel et son oeuvre*, pp. 108-109.

exatas, libertar as vítimas e denunciar os suspeitos, fundar enfim, com todo rigor, esse internamento da loucura cuja necessidade é reconhecida mas cujos perigos são pressentidos. Por outro lado, os sentimentos de Pinel eram bastante republicanos para que dele não se pudesse temer que mantivesse presos os prisioneiros do antigo poder nem que favorecesse os perseguidos pelo novo. Num certo sentido, pode-se dizer que Pinel viu-se investido de um extraordinário poder moral. No desatino clássico, não havia incompatibilidade entre a loucura e a simulação, nem entre a loucura reconhecida do exterior e a loucura objetivamente determinada; pelo contrário, da loucura às suas formas ilusórias e à culpabilidade que se oculta debaixo delas, havia, antes, uma espécie de elo essencial de pertinência. Pinel deverá desfazê-lo politicamente, operando uma divisão que não mais deixará aparecer nada além de uma única unidade rigorosa: a que envolve, para o conhecimento discursivo, a loucura, sua verdade objetiva e sua inocência. Será necessário despojá-la de todas essas franjas de não-ser em que se desenvolviam os jogos do desatino, e nas quais ele era aceito tanto como não-loucura perseguida quanto como não-loucura dissimulada, sem com isso deixar de ser loucura.

Em tudo isso, qual é o sentido da libertação dos "acorrentados"? Era a aplicação pura e simples das idéias que já haviam sido formuladas vários anos antes, e que faziam parte desses programas de reorganização, dos quais o projeto de Cabanis é o melhor exemplo, um ano antes da chegada de Pinel à Bicêtre? Tirar as correntes dos alienados presos nas celas é abrir-lhes o domínio de uma liberdade que será ao mesmo tempo o de uma verificação; é permitir que apareçam numa objetividade que não mais será ocultada nem nas perseguições, nem nos furores que lhes correspondem; é constituir um campo asilar puro, tal como era definido por Cabanis e que a Convenção, por razões políticas, desejava ver estabelecido. Mas pode-se pensar também que, assim agindo, Pinel dissimulava uma operação política de sentido contrário: libertando os loucos, ele os misturava a toda a população de Bicêtre, tornando-a mais confusa e mais inextricável, abolindo todos os critérios que poderiam ter permitido uma separação. Aliás, a preocupação constante da administração de Bicêtre, no decorrer desse último período, não era impedir essas separações exigidas pelas autoridades políticas?²¹ O fato é que Pinel foi removido e nomeado para Salpêtrière, a 13 de maio de 1795, vários meses depois do Terror, no momento da distensão política²².

21. Cf. toda a correspondência de Létourneau com a Comissão dos Trabalhos Públicos, cit. in TUETÉY, III, pp. 397-476.

22. Em sua preocupação de fazer de Pinel uma vítima do Terror, Dupuytren relata que ele foi preso e quase levado ao Tribunal Revolucionário; felizmente conseguiu-se fazer sentir a necessidade dos cuidados que ele dispensava aos

É, sem dúvida, impossível saber ao certo aquilo que Pinel tinha a intenção de fazer quando decidiu a libertação dos alienados. Pouco importa, residindo o essencial justamente nessa ambigüidade que marcará toda a continuação de sua obra e o próprio sentido que ela assume no mundo moderno: constituição de um domínio onde a loucura deve aparecer numa verdade pura, ao mesmo tempo objetiva e inocente, mas constituição desse domínio sobre um modo ideal, sempre indefinidamente recuado, com cada uma das figuras da loucura misturando-se com a não-loucura numa proximidade indiscernível. Aquilo que a loucura ganha em precisão em seu esquema médico, ela perde em vigor na percepção concreta; o asilo, onde ela deve encontrar sua verdade, não mais permite distingui-la daquilo que não é sua verdade. Quanto mais ela é objetiva, menos é certa. O gesto que a liberta para verificá-la é ao mesmo tempo a operação que a dissemina e oculta em todas as formas concretas da razão.

A obra de Tuke foi impulsionada por todo o reajustamento da assistência na legislação inglesa do final do século XVIII; a de Pinel, por toda a ambigüidade da situação dos loucos no momento da Revolução. Mas não se trata de diminuir sua originalidade. Há em suas obras um poder de decisão que não se pode reduzir, e que surge claramente — apenas transposto — nos mitos que transmitiram seu sentido.

Era importante que Tuke fosse um Quacre. Igualmente importante é que o *Retiro* fosse uma casa de campo. "O ar aí é sadio, e bem mais livre de fumaça do que nos lugares próximos às cidades industriais"²³. A casa tem janelas sem grades que abrem para o jardim; como ela

está situada num ponto elevado, domina uma paisagem muito agradável que se estende para o sul, tanto quanto a vista alcança, na direção de uma planície fértil e cheia de bosques...

Nas terras vizinhas, pratica-se a agricultura e a criação; o jardim "produz frutos e legumes em abundância; ao mesmo tempo, oferece a muitos doentes um lugar agradável para a recreação e para o trabalho"²⁴. O exercício ao ar livre, os passeios regulares, o trabalho no jardim e na fazenda têm sempre um efeito benéfico "e são favoráveis à cura dos loucos". Aconteceu mesmo de alguns doentes se curarem "apenas com a viagem que os levava ao Retiro, e com os primeiros dias de repouso que ali tinham ocasião de gozar"²⁵. Todos os poderes imaginários da vida simples, da felicidade cam-

23. Relatório feito à Sociedade dos Amigos em 5.4.1793, cit. in S. TUKE, *Description of the Retreat*, p. 36.

24. *Idem*, pp. 93-95.

25. *Idem*, pp. 129-130.

pestre e do retorno das estações são aqui invocados para presidir à cura das loucuras. É que a loucura, conforme as idéias do século XVIII, é uma doença não da natureza, nem do próprio homem, mas da sociedade; emoções, incertezas, agitação, alimentação artificial, todas estas são causas de loucura admitidas por Tuke e seus contemporâneos. Produto de uma vida que se afasta da natureza, a loucura não pertence apenas a uma esfera das conseqüências; ela não põe em questão aquilo que é essencial no homem, e que é sua pertinência imediata à natureza. Ela deixa intacta, como um segredo provisoriamente esquecido, essa natureza do homem que é, ao mesmo tempo, sua razão. Acontece de esse segredo reaparecer em estranhas condições, como se se reintroduzisse por artifício e fraude, ao acaso de uma nova perturbação. Samuel Tuke cita o caso de uma moça mergulhada num estado de "completa idiotia"; permanecera assim por longos anos, quando foi acometida de uma febre tifóide. Ora, à medida que a febre aumentava, o espírito ficava mais claro, tornava-se mais límpido e mais vivo; e durante toda essa fase aguda, em que os doentes são normalmente acometidos de delírio, a doente pelo contrário se mostra inteiramente racional; reconhece os que a cercam, lembra eventos passados aos quais parecera não prestar atenção.

Mas infelizmente foi apenas um clarão da razão; à medida que a febre diminuía as nuvens voltavam a envolver seu espírito; mergulhou no estado deplorável anterior, e nele ficou até a morte, alguns anos depois²⁶.

Há aqui todo um mecanismo de compensação: na loucura, a natureza é esquecida, não abolida, ou antes, afastada do espírito para o corpo, de modo que a demência garante de algum modo uma sólida saúde; mas basta que uma doença se produza, e a natureza, alterada em seu corpo, reaparece no espírito, mais pura, mais clara do que jamais fora. Prova de que não se deve considerar "os loucos como absolutamente privados de razão", mas antes que se deve evocar neles, através de todo um jogo de semelhanças e proximidades, aquelas regiões da natureza que não podem deixar de estar adormecidas sob a agitação da loucura; as estações e os dias, a grande planície de York, essa sabedoria dos jardins, onde a natureza coincide com a ordem dos homens, devem encantar a razão por um momento oculta até seu pleno despertar. Nessa vida agrícola imposta aos doentes do Retiro, e que parece ser orientada apenas por uma imóvel confiança: esgueira-se uma operação mágica; na qual se espera que a natureza faça triunfar a natureza, por semelhança, aproximação e misteriosa penetração, enquanto é conjurado tudo aquilo que a sociedade pôde depositar no homem de contrário à natureza. E, por trás de todas essas imagens, um mito come-

ça a tomar corpo, e que será uma das grandes formas organizadoras da psiquiatria no século XIX, o mito das três Naturezas: Natureza-Verdade, Natureza-Razão e Natureza-Saúde. É nesse jogo que se desenvolve o movimento da alienação e sua cura; se a Natureza-Saúde pode ser abolida, a Natureza-Razão só pode ser ocultada, enquanto a Natureza como Verdade do mundo permanece indefinidamente adequada a si mesma; e é a partir dela que se poderá despertar e restaurar a Natureza-Razão, cujo exercício, quando coincide com a verdade, permite a restauração da Natureza-Saúde. E é nesse sentido que Tuke preferia, ao termo inglês *insane*, a palavra francesa

aliené, porque comporta uma idéia mais justa desse gênero de desordem do que os termos que implicam, num grau qualquer, a abolição da faculdade de pensar²⁷.

O *Retiro* insere o doente numa dialética simples da natureza; mas ao mesmo tempo edifica um grupo social. E isto de um modo estranhamente contraditório. Com efeito, ele foi fundado através de subscrições e deve funcionar como um sistema de seguros, à maneira das sociedades de auxílio que se desenvolvem à mesma época; cada subscritor pode designar um doente pelo qual se interessa e dará uma pensão reduzida, enquanto os outros pagarão a tarifa integral. O *Retiro* é uma coalizão contratual, uma convergência de interesses organizados à maneira de uma sociedade simples²⁸. Mas, ao mesmo tempo, ele se alimenta do mito da família patriarcal: pretende ser uma grande comunidade fraternal dos doentes e dos vigilantes, sob a autoridade dos diretores e da administração. Família rigorosa, sem fraquezas nem complacência, porém justa, conforme a grande imagem da família bíblica.

O zelo com que os intendentess asseguram o bem-estar dos doentes, com todos os cuidados dos parentes atentos, porém judiciosos, foi recompensado em muitos casos por um apego quase filial²⁹.

E nessa afeição comum, sem indulgências mas sem injustiças, os doentes reencontram a calma felicidade e a segurança de uma família em estado puro: serão os filhos de uma família em sua idealidade primitiva.

Contrato e família, interesses atendidos e afeição natural — o *Retiro* encerra, confundindo-os, os dois grandes mitos com os quais o século XVIII havia procurado definir a origem das sociedades e a verdade do homem social. Ele é

27. S. TUKE, p. 137, nota.

28. A partir do século XVII, os Quacres freqüentemente praticaram o sistema das sociedades por ações. Cada um dos que subscriviam, para o *Retiro*, uma soma de pelo menos 20 libras recebia um juro anual de 5%. Por outro lado, o *Retiro* parece ter sido uma excelente empresa comercial. Estes são os lucros realizados nos primeiros anos: junho de 1798: 268 libras; 1799: 245; 1800: 800; 1801: 145; 1802: 45; 1803: 258; 1804: 449; 1805: 521. Cf. TUKE, *op. cit.*, pp. 72-75.

29. *Idem*, p. 178.

ao mesmo tempo o interesse individual que renuncia a si mesmo para se reencontrar e a afeição espontânea que a natureza faz surgir nos membros de uma família, propondo assim uma espécie de modelo afetivo e imediato para toda a sociedade. No *Retiro*, um grupo humano é reconduzido a suas formas mais originárias e mais puras: trata-se de recolocar o homem em relações sociais elementares e absolutamente conformes à sua origem; o que significa que essas relações devem ser ao mesmo tempo, rigorosamente estabelecidas e rigorosamente morais. Desse modo o doente será levado a esse ponto em que a sociedade acaba de surgir da natureza, e onde ela se realiza numa verdade imediata que toda a história dos homens contribuiu, em seguida, para embaralhar. Supõe-se que então desaparecerá do espírito alienado tudo aquilo que a sociedade atual pôde nele depositar de artifícios, perturbações inúteis, liames e obrigações estranhas à natureza.

Tais são os poderes míticos do *Retiro*: poderes que dominam o tempo, contestam a história, reconduzem o homem para suas verdades essenciais, identificando-o no imemorial com o Primeiro Homem natural e com o Primeiro Homem social. Todas as distâncias que o separavam desse ser primitivo foram apagadas, e tantas saliências, polidas; e ao final desse "retiro", sob a alienação reaparece finalmente o inalienável, que é natureza, verdade, razão e pura moralidade social. A obra de Tuke parecia conduzida e explicada por um longo movimento de reforma que a havia precedido; e, com efeito, ela o era; mas o que fez dela ao mesmo tempo uma ruptura e uma iniciação é toda a paisagem mítica que a cercava desde seu nascimento, e que ela conseguiu inserir no velho mundo da loucura e do internamento. E, com isso, a separação linear que o internamento efetuava entre razão e desatino, sobre o modo simples da decisão, foi substituída por uma dialética, que inicia seu movimento no espaço do mito assim constituído. Nessa dialética, a loucura torna-se alienação, e sua cura, um retorno ao inalienável; mas o essencial é um certo poder que pela primeira vez o internamento recebe, pelo menos tal como é imaginado pelos fundadores do *Retiro*; graças a esse poder, no momento em que a loucura se revela como alienação, e através dessa mesma descoberta, o homem é levado de volta para o inalienável. E é possível estabelecer assim, no mito do *Retiro*, ao mesmo tempo o procedimento imaginário da cura, tal como obscuramente se supõe que seja, e a essência da loucura tal como ela vai ser implicitamente transmitida ao século XIX:

1. O papel do internamento é o de reduzir a loucura à sua verdade.

2. A verdade da loucura é aquilo que ela é, menos o mundo, menos a sociedade, menos a contranatureza.

3. Essa verdade da loucura é o próprio homem naquilo que ele pode ter de mais primitivamente inalienável.

4. O que existe de inalienável no homem é, ao mesmo tempo, a Natureza, a Verdade e a Moral, isto é, a própria Razão.

5. É por conduzir a loucura a uma verdade que é ao mesmo tempo verdade da loucura e verdade do homem, a uma natureza que é natureza da doença e natureza serena do mundo, que o *Retiro* recebe seu poder de curar.

Vê-se assim onde o positivismo poderá se basear nessa dialética, onde nada no entanto parece anunciá-la, uma vez que tudo aponta para experiências morais, temas filosóficos, imagens sonhadas do homem. Mas o positivismo será apenas a contração desse movimento, a redução desse espaço mítico; ele admitirá desde logo, como evidência objetiva, que a verdade da loucura é a razão do homem, o que inverte inteiramente a concepção clássica, para a qual a experiência do desatino na loucura contesta tudo o que pode haver de verdade no homem. Doravante, todo domínio objetivo sobre a loucura, todo conhecimento, toda verdade formulada sobre ela será a própria razão, a razão recoberta e triunfante, o desenlace da alienação.

No relato tradicional da liberação dos acorrentados de Bicêtre, um ponto não foi estabelecido com segurança: é a presença de Couthon. Foi dito que sua visita era impossível, que deve ter sido confundido com um membro da Comuna de Paris, também este paralisado, e que esta mesma enfermidade, acrescida à sinistra reputação de Couthon, fez com que fossem confundidos³⁰. Deixemos este problema de lado: o essencial é que a confusão foi feita e transmitida, e que se tenha imposto com tal prestígio a imagem do enfermo que recua de horror diante dos loucos e que abandona à sua sorte "esses animais". O que está no centro do palco é justamente o paralisado levado por homens; e é preferível ainda que esse paralisado seja um convencional temido, conhecido por sua crueldade, e célebre por ter sido um dos grandes fornecedores do cadafalso. Por conseguinte, será Couthon quem visitará Bicêtre e que será por um momento senhor do destino dos loucos. A forma imaginária da história exige que assim seja.

O que esse estranho relato na verdade oculta é um quiasma decisivo na mitologia da loucura. Couthon visita

30. Com efeito, somente um membro da Comuna podia ser designado para inspecionar um hospital. Ora, Couthon nunca fez parte dessa assembleia. Cf. ÉMILE RICHARD, *Histoire de l'Hôpital de Bicêtre*, 1889, p. 113, nota.

Bicêtre para saber se os loucos que Pinel quer libertar não são suspeitos. Acredita encontrar uma razão oculta; encontra uma animalidade que se manifesta em toda sua violência: renuncia a reconhecer nisso os signos da inteligência e da dissimulação; decide abandoná-la a si mesma e deixar que a loucura se resolva em sua selvageria essencial. Mas é exatamente aí que se produz a metamorfose: ele, Couthon, o revolucionário paralítico, o enfermo que decapita, no momento em que trata os loucos como animais está encarnando, sem sabê-lo e sob o duplo estigma de sua enfermidade e seus crimes, o que há de mais monstruoso na desumanidade. É por isso que era preciso, no mito, que fosse ele e não um outro, menos enfermo ou menos cruel, o encarregado de pronunciar as últimas palavras que, pela última vez no mundo ocidental, entregaram a loucura à sua própria animalidade. Quando deixa Bicêtre, carregado por braços humanos, acredita ter entregue os loucos a tudo aquilo que neles pode existir de bestial, mas na verdade é ele que se vê investido por essa bestialidade, enquanto na liberdade que lhes é oferecida os loucos vão poder mostrar que nada haviam perdido daquilo que há de essencial no homem. Quando formulou a animalidade dos loucos, deixando-os livres para se movimentarem, ele os libertou dessa animalidade, mas revelou a sua, encerrando-se dentro dela. Sua raiva era mais insensata, mais desumana do que a loucura dos dementes. Desse modo, a loucura emigrou para o lado dos guardiães; os que encerram os loucos como animais são os que agora detêm toda a brutalidade animal da loucura; é neles que a besta impera, e a que aparece nos dementes não passa de um turvo reflexo da primeira. Um segredo é descoberto: é que a bestialidade não residia no animal, mas em sua domesticação; esta, apenas através de seu rigor, é que a constituía. O louco se vê assim purificado da animalidade ou pelo menos dessa parte de animalidade que é violência, predação, raiva, selvageria; só lhe restará uma animalidade dócil, a que não responde à coação e ao ensino pela violência. A lenda do encontro entre Couthon e Pinel relata essa purificação; mais exatamente, ela mostra que essa purificação era coisa feita quando a lenda foi escrita.

Com a partida de Couthon, “o filantropo logo põe mãos à obra”; decide libertar doze alienados que estavam acorrentados. O primeiro é um capitão inglês acorrentado numa cela de Bicêtre há quarenta anos:

Era encarado como o mais terrível de todos os alienados...; num acesso de furor, tinha dado uma pancada com suas algemas na cabeça de um servente, matando-o na hora.

Pinel aproxima-se dele, exorta-o “a ser razoável, e a não fazer mal a ninguém”; se assim agisse, prometia libertá-lo de suas correntes e dar-lhe o direito de passear no pátio:

“Acredite em mim. Seja calmo e tenha confiança, eu lhe devolverei a liberdade”. O capitão ouve o discurso, e fica calmo enquanto caem suas correntes; apenas livre, precipita-se para admirar a luz do sol e “exclama extasiado: como é bonito!” Todo esse primeiro dia de liberdade recuperada, ele o passa “correndo, subindo as escadas, descendo-as, dizendo sempre: como é bonito!” Nessa mesma noite, ele volta para sua cela, dormindo pacificamente.

Durante dois anos, que ainda passou em Bicêtre, não teve mais nenhum acesso de furor; torna-se mesmo útil na casa, exercendo uma certa autoridade sobre os loucos, que ele comanda à sua vontade e dos quais ele se estabelece como vigilante.

Outra libertação, não menos conhecida nas crônicas da hagiografia médica: a do soldado Chevingé. Era um bêbado que havia sido acometido por um delírio de grandeza e se acreditava general; mas Pinel havia reconhecido uma “exce-lente natureza sob essa irritação”; liberta-o dizendo que vai tomá-lo a seu serviço, e que exige dele toda a fidelidade que “um bom senhor” pode esperar de um doméstico reconhecido. O milagre se efetua; a virtude do *valet* fiel desperta de repente nessa alma perturbada:

Nunca numa inteligência humana uma revolução fora mais repentina, nem mais completa...; apenas libertado, ei-lo previdente, atento;

uma má cabeça domada por tanta generosidade, ele mesmo vai, no lugar de seu novo senhor, desafiar e apaziguar o furor dos outros;

pronuncia aos alienados palavras racionais e bondosas, ele que ainda há pouco estava no mesmo nível deles, mas diante dos quais se sente engrandecido com sua liberdade³¹.

Esse bom servidor deveria apresentar até o fim, na lenda de Pinel, o papel de sua personagem; de corpo e alma dedicado a seu mestre, ele o protege quando o povo de Paris quer arrombar as portas de Bicêtre para fazer justiça aos “inimigos da nação; ele faz uma barricada com seu próprio corpo, e se expõe para salvar a vida de Pinel”.

Portanto, as correntes estão se rompendo, o louco é libertado. E, nesse momento, recupera a razão. Ou melhor, não: não é a razão que reaparece em si mesma e por si mesma; são espécies sociais já constituídas que dormitaram durante muito tempo sob a loucura, e que se levantam em bloco, numa conformidade perfeita com aquilo que representam, sem alteração nem caretas. Como se o louco, libertado da animalidade à qual as correntes o obrigavam, só se reunisse à sociedade através do *tipo social*. O primeiro dos libertados não se transforma pura e simplesmente num homem são de espírito, mas num oficial, um capitão inglês, leal para com

31. SCIPION PINEL, *Traité complet du régime sanitaire des aliénés*, Paris, 1836, pp. 56-63.

aquele que o libertou, como com um vencedor que o mantivesse prisioneiro sob palavra, autoritário com os homens sobre os quais faz imperar seu prestígio de oficial. Sua saúde só se restaura nesses valores sociais que são ao mesmo tempo seu signo e sua presença concreta. Sua razão não pertence à esfera do conhecimento nem da felicidade; não consiste num bom funcionamento do espírito; aqui, a razão é honra. Para o soldado, ela será fidelidade e sacrifício; Chevingé não se transforma num homem razoável, mas num servidor. Em sua história há mais ou menos as mesmas significações míticas que na de Sexta-feira com Robinson Crusoe; entre o homem branco isolado na natureza e o bom selvagem, o relacionamento estabelecido por Defoe não é um relacionamento de homem a homem, que se esgota em sua imediata reciprocidade; é um relacionamento de senhor para servidor, de inteligência para devotamento, de força sábia para força viva, de coragem refletida para inconsciência heróica; em suma, é um relacionamento social, com sua condição literária e todos seus coeficientes éticos que é transposto para a estado da natureza, tornando-se verdade imediata dessa sociedade a dois. Os mesmos valores estão novamente presentes no caso do soldado Chevingé: entre ele e Pinel não se trata de duas razões que se reconhecem, mas de duas personagens bem determinadas, que surgem em sua exata adequação a tipos e que organizam um relacionamento segundo suas estruturas já dadas de antemão. Vê-se assim como a força do mito pôde prevalecer sobre toda verossimilhança psicológica e sobre toda observação rigorosamente médica; está claro que, se os indivíduos libertados eram realmente loucos, eles não foram curados com aquele ato, e que seus comportamentos devem ter mantido durante muito tempo os traços da alienação. Mas não é isso o que importa para Pinel; para ele, o essencial é que a razão seja significada por tipos sociais cristalizados bem cedo, desde que o louco deixou de ser tratado como o Estranho, como o Animal, como figura absolutamente exterior ao homem e às relações humanas. O que constitui a cura do louco, para Pinel, é sua estabilização num tipo social moralmente reconhecido e aprovado.

O importante, portanto, não é o fato de as correntes terem sido arrancadas — medida que havia sido tomada em várias ocasiões já no século XVIII, e particularmente em Saint-Luke; o importante é o mito que deu um sentido a essa libertação, ao abri-la para uma razão inteiramente povoada de temas sociais e morais, de figuras já há muito tempo desenhadas pela literatura e ao constituir assim, no imaginário, a forma ideal de um asilo. Um asilo que não mais seria uma jaula do homem entregue à selvageria, mas uma espécie de república do sonho onde as relações só se estabeleceriam numa transparência virtuosa. A honra, a fidelidade,

a coragem e o sacrifício imperam em estado puro, e designam ao mesmo tempo as formas ideais da sociedade e os critérios da razão. E esse mito retira todo seu vigor do fato de ser quase explicitamente oposto — e aqui a presença de Couthon é outra vez indispensável — aos mitos da Revolução, tais como são formulados após o Terror: a república convencional é uma república de violências, de paixões, de selvageria — é ela que, sem saber, reúne todas as formas do insensato e do desatino; quanto à república que se constitui espontaneamente entre esses loucos abandonados à sua própria violência, ela está isenta de paixões, é a cidade das obediências essenciais. Couthon é o próprio símbolo dessa “má liberdade” que provocou paixões no povo e suscitou a tirania da Salvação Pública — liberdade em nome da qual os loucos são deixados acorrentados; Pinel é o símbolo da “boa liberdade”, aquela que, libertando os mais violentos, doma suas paixões e os introduz no mundo calmo das virtudes tradicionais. Entre o povo de Paris, que vai a Bicêtre exigir os inimigos da nação, e o soldado Chevingé, que salva a vida de Pinel, o mais insensato e o menos livre não é aquele que havia ficado preso durante anos por bebedeira, delírio e violência.

O mito de Pinel, como o de Tuke, oculta todo um movimento discursivo que vale ao mesmo tempo como descrição da alienação e análise de sua supressão:

1. No relacionamento desumano e animal que impunha o internamento clássico, a loucura não enunciava sua verdade moral.

2. Essa verdade, a partir do momento em que lhe é permitido aparecer, se revela um relacionamento humano em toda sua idealidade virtuosa: heroísmo, fidelidade, sacrifício, etc.

3. Ora, a loucura é vício, violência, maldade, como bem demonstra a raiva dos revolucionários.

4. A liberação no internamento, na medida em que é reedificação de uma sociedade sobre o tema da conformidade aos tipos, não pode deixar de curar.

O mito do Retiro e o dos acorrentados libertados se correspondem termo a termo numa oposição imediata. Um faz prevalecer todos os temas da primitividade, o outro põe em circulação as imagens transparentes das virtudes sociais. Um vai procurar a verdade e a supressão da loucura no ponto em que o homem mal se destaca da natureza; o outro as exige antes de uma espécie de perfeição social, de funcionamento ideal das relações humanas. Mas esses dois temas estavam ainda demasiado próximos e tinham sido muito misturados no século XVIII para que tivessem um sentido muito

diferente em Pinel e em Tuke. Aqui e ali vêem-se os mesmos esforços para a retomada de certas práticas do internamento no grande mito da alienação, exatamente aquele que Hegel deveria formular alguns anos mais tarde, extraindo com todo rigor a lição conceitual daquilo que havia ocorrido no *Retiro* e em Bicêtre.

O verdadeiro tratamento psíquico apegase à concepção de que a loucura não é uma perda abstrata da razão, nem do lado da inteligência, nem do lado da vontade e de sua responsabilidade, mas um simples desarranjo do espírito, uma contradição na razão que ainda existe, assim como a doença física não é uma perda abstrata, isto é, completa, da saúde (de fato, isso seria a morte), mas uma contradição dentro desta. Esse tratamento humano, isto é, tão benevolente quanto razoável da loucura... pressupõe que o doente é razoável e encontra aí um sólido ponto para abordá-lo desse lado³².

O internamento clássico havia criado um estado de alienação que só existia do lado de fora, para aqueles que internavam e que só reconheciam o interno como Estranho ou Animal; Pinel e Tuke, nesses gestos simples em que a psiquiatria positiva paradoxalmente reconheceu sua origem, interiorizaram a alienação, instalaram-na no internamento, delimitaram-na como distância entre o louco e ele próprio, instituindo-o com isso em mito. E é bem de mito que se deve falar quando se faz passar por natureza aquilo que é conceito, por liberação de uma verdade o que é reconstituição de uma moral, por cura espontânea da loucura aquilo que talvez não passe de sua secreta inserção numa realidade artificiosa.

As lendas de Pinel e Tuke transmitem valores míticos que a psiquiatria do século XIX aceitará como evidências naturais. Mas sob os próprios mitos havia uma operação, ou antes, uma série de operações que silenciosamente organizaram ao mesmo tempo o mundo asilar, os métodos de cura e a experiência concreta da loucura.

Antes de mais nada, o gesto de Tuke. Por ser contemporâneo ao gesto de Pinel, porque se sabe que é impulsionado por todo um movimento de "filantropia", é valorizado como um gesto de "liberação" dos alienados. Trata-se de coisa bem diferente:

Foi possível observar o grande dano experimentado pelos membros de nossa sociedade com o fato de haverem sido confiados a pessoas que não apenas são estranhas a nossos princípios mas que, além do mais, os misturaram com outros doentes que se permitem uma linguagem grosseira e práticas censuráveis. Tudo isso muitas vezes deixa uma marca indelével nos espíritos dos doentes após terem recuperado o uso da razão, tornando-os estranhos à manifestação reli-

32. HEGEL, *Encyclopédie des Sciences philosophiques*, § 408, nota.

giosa que eles antes haviam conhecido; às vezes mesmo são corrompidos pelos hábitos viciosos que não conheciam³³.

O *Retiro* deverá agir como instrumento de segregação: segregação moral e religiosa, que procura reconstituir, ao redor da loucura, um meio tão semelhante quanto possível à Comunidade dos Quacres. E isto por duas razões: a primeira é que o espetáculo do mal é, para toda alma sensível, um sofrimento, a origem de todas essas paixões nefastas e vivas que são o horror, a raiva, o desprezo, e que engendram ou perpetuam a loucura:

Pensou-se com justa razão que a mistura que se produz nos grandes estabelecimentos públicos entre pessoas com sentimentos e práticas religiosas diferentes, a mistura entre devassos e virtuosos, profanos e pessoas sérias, tinha por efeito o entrave do progresso do retorno à razão, reforçando mais profundamente a melancolia e as idéias misantrópicas³⁴.

Mas a razão principal não é essa: é que a religião pode representar esse duplo papel de natureza e de regra, uma vez que ela assumiu, no hábito ancestral, na educação, no exercício cotidiano, a profundidade da natureza, e uma vez que ela é ao mesmo tempo princípio constante de coerção. Ela é simultaneamente espontaneidade e coação, e com isso detém as únicas forças que podem, no eclipse da razão, contrabalançar as violências desmedidas da loucura; seus preceitos,

quando se foi fortemente impregnado por eles no começo de nossas vidas, tornam-se quase princípios de nossa natureza: e seu poder de coação é freqüentemente experimentado, mesmo durante a excitação delirante da loucura. Encorajar a influência dos princípios religiosos sobre o espírito do insensato é de grande importância como meio de cura³⁵.

Na dialética da alienação, em que a razão se oculta para não abolir-se, a religião constitui a forma concreta daquilo que não pode alienar-se; ela veicula aquilo que há de invencível na razão, aquilo que subsiste como quase-natureza sob a loucura, e à volta dela como solicitação incessante do meio:

O doente, durante seus intervalos lúcidos ou em sua convalescência, poderia aproveitar-se da sociedade daqueles que têm as mesmas opiniões e os mesmos hábitos que ele³⁶.

Ela assegura a vigília secreta da razão junto da loucura, tornando assim mais próxima, mais imediata, a coação que já grassava no internamento clássico. Ali, o meio religioso e moral impunha-se do exterior, de modo que a loucura fosse refreada, e não curada. No *Retiro*, a religião faz parte do movimento que indica, apesar de tudo, a razão na loucura, e que leva da alienação à saúde. A segregação religiosa tem um

33. SAMUEL TUKE, *loc. cit.*, p. 50.

34. S. TUKE, *loc. cit.*, p. 23.

35. *Idem*, p. 121.

36. *Idem*, p. 23.

sentido preciso: não se trata de preservar os doentes da influência profana dos não-Quacres, mas de colocar o alienado no interior de um elemento moral onde ele se verá em debate consigo mesmo e com seu meio; de constituir-lhe um meio onde, longe de estar protegido, ele será mantido numa eterna inquietação, incessantemente ameaçado pela Lei e pela Falta.

"O princípio do medo, que é raramente diminuído na loucura, é considerado como de grande importância para o tratamento dos loucos"³⁷. O Medo surge como personagem essencial do asilo. Figura já antiga, sem dúvida, se pensarmos nos terrores do internamento. Mas estes delimitavam a loucura do exterior, marcando o limite da razão e do desatino e exercendo um duplo poder: sobre as violências do furor, a fim de contê-las, e sobre a própria razão, para mantê-la afastada; esse medo era superficial. O que é instaurado no *Retiro* é profundo: vai da razão à loucura como uma mediação, como a evocação de uma natureza comum que ainda lhes pertenceria, e através da qual poderiam reatar relações. O terror que reinava era o signo mais visível da alienação da loucura no mundo clássico; o medo está agora dotado de um poder de desalienação, que lhe permite restaurar uma convivência bem primitiva entre o louco e o homem de razão. Ele deve solidarizá-los novamente. Agora, a loucura não mais deverá, não mais poderá causar medo; ela *terá medo*, sem recurso nem retorno, inteiramente entregue, com isso, à pedagogia do bom senso, da verdade e da moral.

Samuel Tuke conta como foi recebido no *Retiro* um maníaco, jovem e prodigiosamente forte, e cujos acessos provocavam o pânico em seu meio e mesmo entre seus guardiães. Quando entra no *Retiro* está totalmente acorrentado, algemado, e as roupas amarradas com cordas. Assim que chega, todos os entraves lhe são retirados, e faz-se com que jante com os vigilantes: sua agitação logo cessa, "sua atenção parecia cativada por sua nova situação". É levado para seu quarto; o intendente lhe dirige uma exortação para explicar-lhe que toda a casa está organizada para a maior liberdade e conforto de todos, que não lhe imporão nenhuma coação, com a condição de que ele não infrinja os regulamentos da casa ou os princípios gerais da moral humana. De seu lado, o intendente afirma que não deseja fazer uso dos meios de coação à sua disposição. "O maníaco mostrou-se sensível à suavidade desse tratamento. *Prometeu coibir-se a si próprio.*" Acontecia-lhe ainda de agitar-se, vociferar e assustar seus companheiros. O intendente lembrava-lhe as ameaças e promessas do primeiro dia: se não se acalmasse, seriam obrigados a voltar as antigas sevícias. A agitação do

37. TUKE, *loc. cit.*, p. 141.

doente aumentava então durante um certo tempo, depois declinava rapidamente.

Ouvia com atenção as exortações de seu amistoso visitante. Após várias conversas do gênero, o doente em geral ficava em melhores condições durante vários dias.

Ao final de quatro meses, deixou o *Retiro*, inteiramente curado³⁸. Aqui, o medo dirige-se ao doente de modo direto, não através de instrumentos, mas num discurso; não se trata de limitar uma liberdade que devasta, mas de delimitar e exaltar uma região de responsabilidade simples, onde toda manifestação da loucura se verá ligada a um castigo. A obscura culpabilidade que outrora ligava falta e desatino é assim deslocada; o louco, enquanto ser humano originariamente dotado de razão, não é mais capaz de ser louco; mas o louco, enquanto louco, e no interior dessa doença da qual não é mais culpado, deve sentir-se responsável por tudo aquilo que pode perturbar a moral e a sociedade e deve acusar a si mesmo pelos castigos que receber. A designação da culpabilidade não é mais o modo de relacionamento que se instaura entre o louco e o homem razoável em sua generalidade; ela se torna ao mesmo tempo a forma de coexistência concreta de cada louco com seu guardião e a forma de consciência que o alienado deve ter de sua própria loucura.

Portanto, é preciso reavaliar as significações atribuídas à obra de Tuke: libertação dos alienados, abolição das coações, constituição de um meio humano — isso não passa de justificativas. As operações reais foram diferentes. Na verdade, Tuke criou um asilo onde substituiu o terror livre da loucura pela angústia fechada da responsabilidade; o medo não impera mais do outro lado das portas da prisão, vai do-ravante grassar nos subterrâneos da consciência. Os terrores seculares nos quais o alienado se vê preso foram transferidos por Tuke para o próprio âmago da loucura. O asilo não sanciona mais a culpabilidade do louco, é verdade, porém faz mais que isso; ele a organiza, organiza-a para o louco, como consciência de si e como relacionamento não recíproco com o guardião; ele o organiza para o homem razoável como consciência do outro, e intervenção terapêutica na existência do louco. Isto significa que através dessa culpabilidade o louco se torna objeto de punição sempre oferecido a si mesmo e ao outro, e do reconhecimento dessa condição de objeto, da tomada de consciência de sua culpabilidade, o louco deve voltar à sua consciência de sujeito livre e responsável, e por conseguinte retornar à razão. Esse movimento através do qual, objetivando-se para o outro, o alienado retorna à sua liberdade é o movimento que se encontra tanto no Trabalho quanto no Olhar.

38. TUKE, *loc. cit.*, pp. 146-147.

Não nos esqueçamos que estamos num mundo Quacre, onde Deus abençoa os homens nos signos de sua prosperidade. O trabalho vem em primeira linha no "tratamento moral" tal como é praticado no *Retiro*. Em si mesmo, o trabalho possui uma força de coação superior a todas as formas de coerção física, uma vez que a regularidade das horas, as exigências da atenção e a obrigação de chegar a um resultado separam o doente de uma liberdade de espírito que lhe seria funesta e o engajam num sistema de responsabilidade:

O trabalho regular deve ser preferido, tanto do ponto de vista físico quanto moral...; é aquilo que existe de mais agradável para o doente, e o que há de mais oposto às ilusões da doença³⁹.

Com isso, o homem entra para a ordem dos mandamentos de Deus; ele submete sua liberdade a leis que são ao mesmo tempo as da realidade e as da moral. Nessa medida, o trabalho do espírito não deve ser desaconselhado; mesmo assim é necessário banir com extremo rigor todos os exercícios da imaginação, que mantêm sempre uma cumplicidade com as paixões, os desejos, ou todas as ilusões delirantes. Pelo contrário, o estudo daquilo que há de eterno na natureza e de mais conforme à sabedoria e à bondade da Providência tem a maior eficácia na redução das liberdades desmedidas do louco, fazendo com que descubra as formas de sua responsabilidade.

Os diversos ramos das matemáticas e das ciências naturais formam os assuntos mais úteis nos quais os espíritos dos insensatos podem aplicar-se⁴⁰.

No asilo, o trabalho será despojado de todo valor de produção; só será imposto a título de regra moral pura; limitação da liberdade, submissão à ordem, engajamento da responsabilidade com o fim único de desalienar o espírito perdido nos excessos de uma liberdade que a coação física só limita aparentemente.

Mais eficaz ainda que o trabalho, o olhar dos outros, aquilo que Tuke chama de "a necessidade de estima":

Esse princípio do espírito humano influencia sem dúvida nenhuma nossa conduta geral, numa proporção inquietante, ainda que frequentemente de modo secreto, e atua com uma força especial quando somos introduzidos num novo círculo de relações⁴¹.

No internamento clássico, o louco também estava oferecido ao olhar: mas esse olhar no fundo não o atingia; atingia apenas sua superfície monstruosa, sua animalidade visível; e comportava pelo menos uma forma de reciprocidade, uma vez que ali o homem não podia ler, como num espelho, o movimento iminente de sua própria queda. O olhar que Tuke agora instaura como um dos grandes componentes da exis-

tência asilar é ao mesmo tempo mais profundo e menos recíproco. Deve procurar acuar o louco nos signos menos visíveis de sua loucura, ali onde ela se articula secretamente sobre a razão e mal começa a separar-se dela; e esse olhar não pode ser devolvido pelo louco, pois ele é apenas olhado; ele é como o recém-chegado, o último a pôr os pés no mundo da razão. Tuke havia organizado todo um cerimonial ao redor dessas condutas do olhar. Tratava-se de noitadas à moda inglesa, onde todos deviam imitar a existência social em todas suas exigências formais, sem que nada circulasse além do olhar que observa toda incongruência, toda desordem, todo engano que traísse a loucura. Os diretores e os vigilantes do *Retiro*, assim, convidam alguns doentes para *tea parties*; os convidados

vestem suas melhores roupas, e rivalizam-se em polidez e boas maneiras. É-lhes oferecido o melhor *menu*, e são tratados com tanta atenção como se fossem estranhos. A noitada normalmente transcorre na mais completa harmonia e no maior contentamento. Raramente acontece um evento desagradável. Os doentes controlam extraordinariamente suas diferentes inclinações; essa cena suscita ao mesmo tempo uma surpresa e uma satisfação tocantes⁴².

Curiosamente, esse rito não é o da aproximação, do diálogo, do conhecimento mútuo; é a organização ao redor do louco de um mundo em que tudo lhe seria semelhante e próximo, mas onde ele mesmo permaneceria como um Estranho por excelência, que não é julgado apenas pelas aparências, mas por tudo aquilo que elas podem indicar e revelar ainda que a contragosto. Convocado incessantemente para esse papel vazio do visitante desconhecido, e recusado em tudo aquilo que se pode conhecer sobre ele, atraído assim para a superfície de si mesmo através de uma personagem social cuja forma e máscara lhes são impostas, silenciosamente, pelo olhar, o louco é convidado a objetivar-se nos olhos da razão razoável como o estranho perfeito, isto é, aquele cuja estranheza não se deixa perceber. A cidade dos homens razoáveis não o recebe a não ser a título e ao preço dessa conformidade com o anônimo.

Vê-se que no *Retiro* a supressão parcial⁴³ das coações físicas faz parte de um conjunto cujo elemento essencial era a constituição de uma "autocontenção" onde a liberdade do doente, comprometida no trabalho e no olhar dos outros, é ameaçada incessantemente pelo reconhecimento da culpabilidade. Ali onde se acreditava lidar com uma simples operação negativa que afrouxa os laços e liberta a natureza mais profunda da loucura, deve-se reconhecer que se trata de uma operação positiva que o encerra no sistema das recompen-

42. S. TUKE, p. 178.

43. Inúmeras coações físicas ainda eram utilizadas no *Retiro*. Para forçar os doentes a comer, Tuke recomenda o uso de uma simples chave introduzida à força entre as mandíbulas e que é girada à vontade. Ele observa que assim é menor o risco de quebrar os dentes dos doentes. TUKE, p. 170.

39. S. TUKE, *op. cit.*, p. 156.

40. *Idem*, p. 183.

41. *Idem*, p. 157.

sas e das punições e o inclui no movimento da consciência moral. Passagem de um mundo da Reprovação para um universo do Julgamento. Mas ao mesmo tempo uma psicologia da loucura torna-se possível, uma vez que sob o olhar é ela continuamente convocada, na superfície de si mesma, a negar sua dissimulação. Só é julgada por seus atos; não se fazem acusações contra ela, nem se trata de sondar seus segredos. Ela não é responsável de nada além dessa parte de si mesma que é visível. Todo o resto é reduzido ao silêncio. A loucura só existe como ser visto. Essa proximidade que se instaura no asilo, que as correntes e as grades não rompem, não permitirá a reciprocidade: é apenas a proximidade do olhar que vigia, que espia, que se aproxima para ver melhor, mas que se afasta cada vez mais, uma vez que só aceita e reconhece os valores do Estranho. A ciência das doenças mentais, tal como se desenvolve nos asilos, pertencerá sempre à esfera da observação e da classificação. Não será diálogo. E não poderá ser verdadeiramente um diálogo a não ser no dia em que a psicanálise tiver exorcizado esse fenômeno do olhar, essencial para a loucura do século XIX, e quando ela tiver substituído sua magia silenciosa pelos poderes da linguagem. Mesmo assim, seria mais justo dizer que ela revestiu o olhar absoluto do vigilante com a palavra indefinidamente monologada do vigiado — conservando assim a velha estrutura asilar do olhar não-recíproco, porém equilibrando-o, numa reciprocidade não-simétrica, através da nova estrutura da linguagem sem resposta.

Vigilância e Julgamento: já se esboça uma nova personagem que será essencial no asilo do século XIX. O próprio Tuke esboça seu perfil quando relata a história de um maníaco, sujeito a crises de violência incontidas. Um dia em que passeava com o intendente pelo jardim da casa, ele entra bruscamente numa fase de excitação, afasta-se um pouco, apanha uma grande pedra e esboça o gesto de atirá-la sobre seu companheiro. O intendente pára, encara o doente nos olhos; a seguir avança alguns passos e “num tom de voz resolutivo, ordena-lhe que largue a pedra”. À medida que se aproxima, o doente abaixa a mão, a seguir deixa cair sua arma; “depois, deixou-se conduzir tranqüilamente para seu quarto”⁴⁴. Algo acaba de nascer que não é mais repressão, porém autoridade. Até o final do século XVIII, o mundo dos loucos estivera povoado apenas pelo poder abstrato e sem rosto que os mantia encerrados; e nesses limites estava vazio, vazio de tudo o que não era a própria loucura; os guardiães eram freqüentemente recrutados entre os próprios doentes. Pelo contrário, Tuke estabelece entre guardiães e doentes, entre razão e loucura, um elemento mediador. O espaço reservado pela sociedade à alienação vai ser dora-

vante assombrado pelos que estão “do outro lado”, e que representam ao mesmo tempo os prestígios da autoridade que interna e o rigor da razão que julga. O vigilante inter-vém, desarmado, sem instrumentos de coação, com o olhar e a linguagem, apenas. Avança sobre a loucura, despojado de tudo aquilo que o poderia proteger ou torná-lo ameaçador, correndo o risco de um confronto imediato e sem recurso. No entanto, não é como pessoa concreta que ele vai enfrentar a loucura, mas como ser de razão, investido exatamente por isso, antes de todo combate, da autoridade que lhe vem do fato de não ser um louco. A vitória da razão sobre o desatino era antes assegurada apenas pela força material, e numa espécie de combate real. Agora, o combate já se apresenta sempre como tendo existido: a derrota do desatino está antecipadamente inscrita na situação concreta em que se defrontam o louco e o não-louco. A ausência da coação nos asilos do século XIX não é desatino libertado, mas loucura há muito dominada.

Por essa razão nova que impera no asilo, a loucura não representa a forma absoluta da contradição, mas antes uma idade menor, um aspecto de si mesma sem direito à autonomia, e que só pode viver enxertada sobre o mundo da razão. A loucura é infância. Tudo é organizado no *Retiro* para que os alienados sejam diminuídos. Ali são considerados

como crianças com um excesso de força e que a utilizam de forma perigosa. Necessitam de castigos e recompensas presentes; tudo aquilo que é um pouco distanciado não tem efeito sobre eles. É preciso aplicar neles um novo sistema de educação, dar um novo curso a suas idéias; subjugar-los de início, encorajá-los a seguir, aplicá-los no trabalho, tornar-lhes agradável esse trabalho através de meios atraentes⁴⁵.

Há muito tempo já que o direito considerava os alienados como menores de idade, mas tratava-se aí de uma situação jurídica, abstratamente definida pela interdição e pela curatela. Não era um modo concreto de relações de homem a homem. O estado de minoridade se transforma, em Tuke, num estilo de existência para os loucos e, para os guardiães, num modo de soberania. Insiste-se muito sobre o aspecto de “grande família” que a comunidade dos insensatos e seus vigilantes assumem no *Retiro*. Aparentemente, essa “família” coloca a doença num meio ao mesmo tempo normal e natural; na verdade, ela a aliena ainda mais. A minoridade jurídica com que se revestia o louco estava destinada a protegê-lo enquanto sujeito de direito; essa antiga estrutura, ao tornar-se forma de coexistência, entrega-o totalmente, como sujeito psicológico, à autoridade e ao prestígio do homem de razão, que para ele assume a figura concreta do adulto, isto é, ao mesmo tempo de dominação e de destinação.

Na grande reorganização das relações entre loucura e razão, a família, ao final do século XVIII, representa um papel decisivo — ao mesmo tempo paisagem imaginária e estrutura social real; é dela que parte, é na direção dela que se encaminha a obra de Tuke. Atribuindo-lhe o prestígio dos valores primitivos, ainda não comprometidos no social, Tuke fazia com que representasse um papel de desalienação; ela era, em seu mito, a antítese desse “meio” no qual o século XVIII via a origem da loucura. Mas ele a introduziu igualmente, de um modo bem real, no mundo asilar, onde ela surge ao mesmo tempo como verdade e como norma de todos os relacionamentos que podem ser instaurados entre o louco e o homem de razão. Através disso, a minoridade sob a tutela da família, condição jurídica na qual se alienam os direitos civis do insensato, torna-se situação psicológica onde se aliena sua liberdade concreta. Toda a existência da loucura, no mundo que agora lhe é preparado, vê-se envolvida por aquilo que se poderia chamar, por antecipação, de “complexo parental”. Os prestígios do patriarcado revivem ao redor dela na família burguesa. É esta sedimentação histórica que a psicanálise, mais tarde, trará para a luz do dia, atribuindo-lhe através de um novo mito o sentido de um destino que marcaria toda a cultura ocidental e talvez toda a civilização, enquanto foi inteiramente deposta por ela, tendo-se solidificado apenas recentemente, nesse fim de século em que a loucura viu-se duas vezes alienada na família — pelo mito de uma desalienação na pureza patriarcal e por uma situação realmente alienante num asilo constituído sobre o modo da família. Doravante, e por um período cujo termo ainda não é possível fixar, os discursos do desatino estarão indissociavelmente ligados à dialética semi-real, semi-imaginária da Família. E ali onde, em suas violências, deviam-se ler profanações ou blasfêmias, será necessário doravante decodificar o atentado incessante contra o Pai. Do mesmo modo, no mundo moderno, o que havia sido o grande confronto irreparável entre a razão e o desatino se tornará o surdo choque dos instintos contra a solidez da instituição familiar e contra seus símbolos mais arcaicos.

Há uma surpreendente convergência entre o movimento das instituições básicas e essa evolução da loucura no mundo do internamento. A economia liberal, como vimos, tendia a entregar à família, em vez de ao Estado, o cuidado de auxiliar pobres e doentes: a família tornava-se assim o lugar da responsabilidade social. Mas se o doente pode ser entregue à família, o mesmo não acontece com o louco, demasiado estranho e desumano. Tuke, justamente, reconstitui de maneira artificial ao redor da loucura uma falsa família, paródia institucional mas situação psicológica real. Ali onde a família falta, ele a substitui por um cenário

fictício através de signos e atitudes. Mas por um cruzamento estranho, dia virá em que ela se verá despojada de seu papel de assistência e de alívio do doente em geral, enquanto guardará os valores fictícios referentes à loucura; e bem depois de a doença dos pobres tornar-se outra vez assunto do Estado, o asilo manterá o insensato na ficção imperativa da família; o louco continuará menor, e durante muito tempo a razão conservará para ele os traços do Pai.

Encerrado nesses valores fictícios, o asilo será protegido da história e da evolução social. No espírito de Tuke, tratava-se de constituir um meio que imitaria as formas mais antigas, mais puras, mais naturais da coexistência: meio mais humano possível, sendo o menos social possível. De fato, ele recortou a estrutura social da família burguesa, reconstituiu-a simbolicamente no asilo e deixou que derivasse na história. O asilo, sempre defasado em estruturas e símbolos anacrônicos, será um inadaptado por excelência, e estará fora do tempo. E ali mesmo onde a animalidade manifestava uma presença sem história e sempre reiniciada, vão aflorar lentamente as marcas sem memória dos velhos ódios, das velhas profanações familiares, os signos esquecidos do incesto e do castigo.

Em Pinel, não há segregação religiosa alguma. Ou, antes, há uma segregação que se exerce num sentido inverso daquela praticada por Tuke. Os benefícios do asilo renovado serão oferecidos a todos, a quase todos com exceção dos fanáticos “que se acreditam inspirados e que procuram fazer outros prosélitos”. Bicêtre e Salpêtrière, na opinião de Pinel, constituem a figura complementar do Retiro.

A religião não deve ser o substrato moral da vida asilar, mas pura e simplesmente objeto médico:

As opiniões religiosas, num hospital de alienados, só devem ser consideradas sob um aspecto meramente médico, isto é, deve-se pôr de lado qualquer outra consideração de culto público e político, devendo-se apenas procurar saber se é importante opor-se à exaltação das idéias e dos sentimentos que podem nascer dessa fonte para concorrer eficazmente para a cura de certos alienados⁴⁶.

Fontes de emoções vivas e de imagens assustadoras que ele suscita pelos terrores do além, o catolicismo frequentemente provoca a loucura. Faz surgirem crenças delirantes, alimenta alucinações, leva homens ao desespero e à melancolia. Não se deve ficar surpreso se,

compulsando os registros do hospício dos alienados de Bicêtre, se encontram muitos padres e monges inscritos, bem como pessoas do campo perdidas por um quadro assustador do futuro⁴⁷.

A surpresa deve ser ainda menor quando se vê variar o número das loucuras religiosas ao longo dos anos. Sob o Antigo Regime e durante a Revolução, a vivacidade das crenças supersticiosas, ou a violência das lutas que opuseram a República à Igreja Católica, multiplicaram as melancolias de origem religiosa. Voltando a paz, a Concordata apagando as lutas, essas formas de delírio desaparecem. No ano X, contava-se ainda 50% de loucura religiosa entre os melancólicos de Salpêtrière, 33% no ano seguinte e 18% apenas no ano XII⁴⁸. Portanto, o asilo deve estar livre da religião e de todos os seus parentes imaginários; é preciso evitar que "os melancólicos por devoção" fiquem com seus livros pios; a experiência

mostra que esse é o meio mais seguro de perpetuar a alienação ou, mesmo, de torná-la incurável, e quanto mais se dá essa permissão, menos se consegue acalmar as inquietações e os escrúpulos⁴⁹.

Nada nos afasta mais de Tuke e de seus sonhos com uma comunidade religiosa que seria ao mesmo tempo o lugar privilegiado das curas do espírito do que essa idéia de um asilo neutralizado, como que purificado dessas imagens e dessas paixões que o cristianismo provoca, e que fazem o espírito derivar na direção do erro, da ilusão, e logo na direção do delírio e das alucinações.

Mas, para Pinel, trata-se de reduzir as formas imaginárias, e não o conteúdo moral da religião. Nela existe, uma vez decantada, um poder de desalienação que dissipa as imagens, acalma as paixões e que devolve o homem àquilo que nele pode haver de imediato e essencial: ela pode aproximá-lo de sua verdade moral. E é nisto que ela é capaz, muitas vezes, de curar. Pinel conta algumas histórias, ao estilo de Voltaire. Por exemplo, a de uma moça de 25 anos, "de constituição forte, unida pelo casamento a um homem fraco e delicado". Ela tinha

crises de histeria muito violentas, imaginava-se possuída pelo demônio que, conforme dizia, assumia formas variadas e fazia com que ouvisse ora cantos de pássaros, ora sons lúgubres, e às vezes gritos cortantes.

Felizmente, o cura do lugar dedica-se mais à religião natural do que às práticas do exorcismo, e acredita na cura através da natureza. Esse

homem esclarecido, de caráter suave e persuasivo, conquista uma ascendência sobre o espírito da doente e consegue fazer com que saia do leito, levando-a a retomar suas tarefas domésticas e mesmo

47. *Idem*, p. 458.

48. PINEL, *op. cit.* O conjunto das estatísticas estabelecidas por Pinel está nas pp. 427-437.

49. *Idem*, p. 268.

a tratar do jardim dele... O que foi seguido por felizes efeitos e por uma cura que se manteve por três anos⁵⁰.

Levada de volta à extrema simplicidade desse conteúdo moral, a religião não pode deixar de ser conivente com a filosofia, com a medicina, com todas as formas de sabedoria e da ciência que podem restaurar a razão a um espírito perdido. Há mesmo casos em que a religião pode servir como tratamento preliminar e preparar o que será feito no asilo: disso é prova uma moça "de temperamento ardente, embora bem comportada e muito religiosa", que se vê dividida "entre as inclinações de seu coração e os princípios severos de sua conduta". Seu confessor, após tê-la inutilmente aconselhado a apegar-se a Deus, propõe-lhe exemplos de uma santidade firme e comedida, e "opõe-lhe o melhor remédio para as grandes paixões, a paciência e o tempo". Levada a Salpêtrière, foi tratada sob as ordens de Pinel "segundo os mesmos princípios morais" e sua doença foi de "curta duração"⁵¹. O asilo abriga assim não o tema social de uma religião onde todos os homens se sentem irmãos numa mesma comunhão e numa mesma comunidade, mas o poder moral da consolação, da confiança, e de uma fidelidade dócil à natureza. Ele deve retomar o trabalho moral da religião, fora de seu texto fantástico, ao nível apenas da virtude, do trabalho e da vida social.

O asilo, domínio religioso sem religião, domínio da moral pura, da uniformização ética. Tudo o que nele podia conservar a marca das velhas diferenças acaba por sumir. As últimas recordações do sagrado se extinguem. Outrora, cada casa de internamento havia herdado, no espaço social, os limites quase absolutos do leprosário; era terra estranha. O asilo deve figurar agora a grande continuidade da moral social. Os valores da família e do trabalho, todas as virtudes reconhecidas, imperam no asilo. Mas com um duplo império. Antes de mais nada, elas imperam de fato, no âmago da própria loucura; sob as violências e a desordem da alienação, a natureza sólida das virtudes essenciais não se rompe. Uma moral existe, inteiramente primitiva, que normalmente não é ofendida, mesmo pela pior demência; é ela que ao mesmo tempo aparece e opera na cura:

Geralmente, não posso deixar de prestar um depoimento em favor das virtudes puras e dos princípios severos que freqüentemente a cura manifesta. Em lugar algum, com exceção dos romances, vi esposos mais dignos de estima, pais ou mães mais ternos, enamorados, mais apaixonados, pessoas mais apegadas a seus deveres do que a maioria dos alienados felizmente levados à convalescência⁵².

Essa virtude inalienável é ao mesmo tempo verdade e resolução da loucura. É por isso que, se ela impera, *deverá*

50. PINEL, *op. cit.*, pp. 116-117.

51. *Idem*, pp. 270-271.

52. PINEL, *op. cit.*, p. 141.

imperar ainda mais. O asilo reduzirá as diferenças, reprimirá os vícios, extinguirá as irregularidades. Denunciará tudo aquilo que se opõe às virtudes essenciais da sociedade: o celibato —

o número de moças atacadas de idiotia é 7 vezes maior que o número de casadas na mesma situação nos anos XI e XIII; para a demência, a proporção é de duas a quatro vezes. Portanto, pode-se presumir que para as mulheres o casamento é uma espécie de preservação contra as duas espécies de alienação mais inveteradas e, de ordinário, mais incuráveis⁵³.

A devassidão, o mau comportamento e “a extrema perversidade dos costumes”,

o hábito do vício como o da bebedeira, a galanteria ilimitada e sem escolha, o de um comportamento desordenado ou de uma despreocupação apática podem aos poucos degradar a razão e levar a uma alienação declarada⁵⁴.

A preguiça

é o resultado mais constante e o mais unânime da experiência em todos os asilos públicos, como nas prisões e nos hospícios, que o meio mais seguro e talvez a única garantia da manutenção da saúde, do bom comportamento e da ordem é a lei de um trabalho mecânico rigorosamente executado⁵⁵.

O asilo atribui-se por objetivo o reino homogêneo da moral, sua extensão rigorosa a todos aqueles que tendem a escapar a ela.

Mas, por isso mesmo, ele permite o aparecimento de uma diferença. Se a lei não impera universalmente, é porque há homens que não a reconhecem, uma classe da sociedade que vive na desordem, na negligência e quase na ilegalidade:

Se de um lado se vêem famílias prosperar durante longos anos no seio da ordem e da concórdia, quantas outras, sobretudo nas classes inferiores da sociedade, constroem com o quadro revoltante da devassidão, das dissensões e de uma miséria vergonhosa! Aí reside, segundo minhas observações cotidianas, a fonte mais fecunda da alienação que se tem de tratar nos hospícios⁵⁶.

Num único e mesmo movimento, o asilo, nas mãos de Pinel, se torna um instrumento de uniformização moral e de denúncia social. Trata-se de fazer reinar sob as espécies do universal uma moral que se imporá do interior às que lhe são estranhas e onde a alienação já é dada antes de manifestar-se nos indivíduos. No primeiro caso, o asilo deverá agir como despertar e reminiscência, invocando uma natureza esquecida: no segundo, terá de agir por deslocamento social, para tirar o indivíduo de sua condição. A operação, tal como era praticada no *Retiro*, ainda era simples: segregação religiosa para fins de purificação moral.

53. PINEL, p. 417.

54. *Idem*, pp. 122-123.

55. *Idem*, p. 237.

56. *Idem*, pp. 29-30.

A que é praticada por Pinel é relativamente complexa: trata-se de operar sínteses morais, assegurar uma continuidade ética entre o mundo da loucura e o da razão, mas praticando uma segregação social que garanta à moral burguesa uma universalidade de fato e que lhe permita impor-se como um direito a todas as formas da alienação.

Na era clássica, indigência, preguiça, vícios e loucura se misturam numa mesma culpabilidade no interior do desatino; os loucos tinham sido aprisionados no grande internamento da miséria e do desemprego, mas todos haviam sido promovidos à vizinhança da falta, quase à essência da queda. A loucura, agora, é parente da decadência social, que surge confusamente como sua causa, modelo e limite. Meio século mais tarde, a doença mental se tornará degenerescência. Doravante, a loucura essencial, e que realmente ameaça, é a que sobe dos *bas-fonds* da sociedade.

O asilo de Pinel, retirado do mundo, não será um espaço de natureza e de verdade imediata como o de Tuke, mas um domínio uniforme da legislação, um lugar de sínteses morais onde se apagam as alienações que nascem nos limites exteriores da sociedade⁵⁷. Toda a vida dos internos, todo o comportamento dos vigilantes em relação a eles, bem como o dos médicos, são organizados por Pinel para que essas sínteses morais se efetuem. E isso através de três meios principais:

1. O silêncio. O quinto dos acorrentados libertados por Pinel era um antigo eclesiástico cuja loucura o havia levado a ser expulso da Igreja. Atacado por um delírio de grandeza, considerava-se Cristo; era “o ponto sublime da arrogância humana em delírio”. Tendo entrado em Bicêtre em 1782, passa 12 anos acorrentado. Pela altivez de seu porte, pela grandiloquência de seus propósitos, constitui um dos espetáculos mais apreciados do hospital; mas como sabe que está revivendo a Paixão de Cristo, “suporta com paciência esse longo martírio, e os contínuos sarcasmos a que sua mania o expõe”. Pinel designou-o para fazer parte do lote dos doze primeiros libertados, embora seu delírio fosse agudo. Mas não age com ele como com os outros: nada de exortações, nem promessas exigidas; sem pronunciar palavra, manda que retirem suas correntes e ordena

57. Pinel sempre privilegiou a ordem da legislação em detrimento do progresso do conhecimento. Numa carta a seu irmão em 1.1.1779: «Se dermos uma olhada nas legislações que floresceram sobre o mundo, veremos que, na instituição da sociedade, cada uma delas precedeu a luz das ciências e das artes, que pressupõem um povo policiado e conduzido, pelas circunstâncias e pelo curso do tempo, a essa autoridade que faz surgir o germe das letras... Não se pode dizer que os ingleses devem sua legislação ao estado florescente das ciências e das artes, pois ela as precedeu de vários séculos. Quando esses orgulhosos insulares se distinguiram por seu gênio e talento, sua legislação era o que podia ser». In SEMELAIGNE, *Aliénistes et philanthropes*, pp. 19-20.

FOUCAULT, Michel. História da loucura —
na idade clássica. 3ª ed. São Paulo:
Perspectiva, 1993.

expressamente que todos imitem sua reserva e não dirijam uma única palavra a esse pobre alienado. Essa proibição, observada rigorosamente, produz sobre esse homem tão cheio de si mesmo um efeito bem mais sensível que as correntes e a cela; sente-se humilhado pelo abandono e pelo novo isolamento em meio de sua plena liberdade. Finalmente, após longas hesitações, de vontade própria se mistura à sociedade dos outros doentes; a partir de então, retorna a idéias mais sensatas e mais justas⁵⁸.

A libertação assume aqui um sentido paradoxal. A cela, as correntes, o espetáculo contínuo, os sarcasmos constituíam para o delírio do doente uma espécie de elemento de sua liberdade. Reconhecido através desse comportamento, e fascinado do exterior por tantas cumplicidades, não podia ser desalojado de sua verdade imediata. Mas as cadeias que caem, essa indiferença e o mutismo de todos o aprisionam no uso restrito de uma liberdade vazia; vê-se entregue a uma verdade não reconhecida que manifestará inutilmente, uma vez que não mais será observada, e da qual não poderá extrair motivos de exaltação, dado que nem mesmo é mais humilhada. É o próprio louco, e não sua projeção no delírio, que agora será humilhado: a coação física é substituída por uma liberdade que a todo momento é limitada pela solidão; o diálogo do delírio e da ofensa é substituído pelo monólogo de uma linguagem que se esgota no silêncio dos outros; todo o cortejo da presunção e do ultraje, na indiferença. A partir de então, aprisionado de um modo mais real do que o poderia ser na cela ou pelas correntes, prisioneiro de nada além de si mesmo, o doente é apanhado num relacionamento consigo mesmo que pertence à esfera da falta, e num não-relacionamento com os outros que é da esfera da vergonha. Os outros são inocentados, não são mais perseguidores; a culpabilidade se desloca para o interior, mostrando ao louco que estava fascinado apenas pela própria presunção; os rostos inimigos se apagam, não mais sente a presença deles como um olhar, mas como recusa de atenção, como olhar desviado; os outros não passam para ele, agora, de um limite que recua incessantemente à medida que ele avança. Libertado de suas correntes, está agora acorrentado pela virtude do silêncio, pela falta e pela vergonha. Sentia-se punido, e via o signo de sua inocência; livre de toda punição física, é necessário que ele se sinta culpado. Seu suplício era sua glória, sua libertação deverá humilhá-lo.

Comparado com o diálogo incessante entre a razão e a loucura durante a Renascença, o internamento clássico tinha sido posto em silêncio. Mas este não era absoluto: a linguagem era ali antes engajada nas coisas do que realmente suprimida. O internamento, as celas, as prisões e até mesmo os suplícios estabeleciam entre a razão e o desa-

tino um diálogo mudo, que era um combate. Esse mesmo diálogo é agora desfeito, o silêncio é absoluto, não mais existe entre a loucura e a razão uma língua comum. A linguagem do delírio só pode responder uma ausência de linguagem, pois o delírio não é fragmento de diálogo com a razão, não é linguagem de modo algum; a única remissão que faz, na consciência enfim silenciosa, é à falta. E é apenas a partir daí que uma linguagem comum se tornará possível novamente, na medida em que será aquela da culpabilidade reconhecida.

Enfim, após longas hesitações, de vontade própria se mistura à sociedade dos outros doentes...

A ausência de linguagem, como estrutura fundamental da vida no asilo, tem por correlativo o aparecimento da confissão. Quando Freud, na psicanálise, reatará prudentemente a troca, ou melhor, se porá novamente à escuta dessa linguagem, doravante destruída no monólogo, não se deve ficar surpreso pelo fato de as formulações ouvidas serem sempre as da falta. Nesse silêncio inveterado, a falta havia atingido as próprias origens da palavra.

2. O reconhecimento pelo espelho. No *Retiro*, o louco era olhado, e se sabia visto, mas à exceção desse olhar direto, que em compensação não lhe permitia apreender a si mesmo a não ser obliquamente, a loucura não exercia um domínio imediato sobre si. Com Pinel, pelo contrário, o olhar só será exercido no interior do espaço definido pela loucura, sem superfície ou limites externos. Ela se verá a si mesma, será vista por si mesma — simultaneamente como objeto de espetáculo e sujeito absoluto.

Três alienados, que acreditavam ser soberanos e que assumiam, todos, o título de Luís XVI, brigavam um dia pelos direitos à realeza, fazendo-os valer sob formas um tanto demasiado enérgicas. A vigilante se aproxima de um deles, levando-o para um lado: Por quê, diz ela, você está brigando com essas pessoas que são visivelmente loucas? Já não sabemos todos que você deve ser reconhecido como Luís XVI? O sujeito, envaidecido com essa homenagem, logo se retira observando os outros com um desdém altaneiro. O mesmo artifício obtém sucesso com o segundo deles. E num instante não há mais vestígios da briga⁵⁹.

Esse é o primeiro momento, o da exaltação. A loucura é convocada para observar a si mesma, mas nos outros: surge neles como pretensão infundada, isto é, como loucura irrisória; entretanto, nesse olhar que condena os outros, o louco assegura sua própria justificativa e a certeza de adequar-se a seu delírio. A brecha entre presunção e realidade só se deixa reconhecer no objeto. Pelo contrário, no sujeito ela é inteiramente mascarada, e o sujeito se transforma em verdade imediata e juiz absoluto: a soberania exaltada que denuncia a falsa soberania dos outros despoja-os dela,

confirmando-se com isso na plenitude sem falhas de sua presunção. A loucura, como simples delírio, é projetada sobre os outros; como perfeita inconsciência, ela é inteiramente assumida.

É nesse momento que o espelho, como cúmplice, torna-se desmistificador. Um outro doente de Bicêtre também se acredita rei, expressando-se sempre "com o tom do comando e da autoridade suprema". Um dia em que estava mais calmo, o vigilante se aproxima e lhe pergunta como, se ele era mesmo soberano, não punha ele um fim à sua detenção e por que era confundido com os alienados de todo tipo. Retomando seu discurso nos dias seguintes, aos poucos ele lhe faz ver o ridículo de suas pretensões exageradas, aponta-lhe um outro alienado também convencido há muito tempo de que estava revestido do poder supremo e que se tornara objeto de troça. O maníaco se sente, de início, abalado, e a seguir põe em dúvida seu título de soberano, e finalmente reconhece a natureza de suas quimeras. Essa revolução moral tão inesperada ocorreu em quinze dias, e, após alguns meses de provação, esse pai respeitoso foi devolvido a sua família⁶⁰.

Portanto, é chegada a fase da humilhação: identificado presunçosamente com o objeto de seu delírio, o louco se reconhece como num espelho nessa loucura cuja ridícula pretensão ele mesmo denunciou. Sua sólida soberania de sujeito se esboroa nesse objeto que ele desmistificou ao assumi-la. Ele é agora impiedosamente encarado por si mesmo. E no silêncio daqueles que representam a razão, e que apenas seguraram o espelho perigoso, ele se reconhece como objetivamente louco.

Viu-se através de que meios — e de que mistificações — a terapêutica do século XVIII tentava persuadir o louco de sua loucura a fim de melhor libertá-lo dela⁶¹. Aqui, o movimento é de natureza bem diferente; não se trata de dissipar o erro através do espetáculo imponente de uma verdade, ainda que fingida. Trata-se de atingir a loucura em sua arrogância mais do que em sua aberração. O espírito clássico condenava na loucura uma certa cegueira para a verdade; a partir de Pinel, ver-se-á nela antes um *élan* oriundo das profundezas, que ultrapassa os limites jurídicos do indivíduo, ignora os marcos morais que lhe são fixados e que tende para uma apoteose de si mesmo. Para o século XIX, o modelo inicial da loucura será acreditar-se Deus; enquanto para os séculos anteriores era recusar Deus. Portanto, é no espetáculo de si mesma, como desatino humilhado, que a loucura poderá encontrar sua salvação, quando, capturada na subjetividade absoluta de seu delírio, ela surpreenderá a imagem irrisória e objetiva no louco idêntico. A Verdade se insinua, como de

60. PHILIPPE PINEL, *loc. cit.*, p. 256.

61. Cf. Parte II, Cap. V.

surpresa (e não através da violência, à maneira do século XVIII), nesse jogo de olhares recíprocos em que ela nunca vê nada além de si mesma. Mas o asilo, nessa comunidade de loucos, dispôs os espelhos de tal modo que o louco não pode deixar, afinal, de surpreender-se como louco, ainda que contra a vontade. Libertada das correntes que dela faziam um puro objeto olhado, a loucura perde, de maneira paradoxal, o essencial de sua liberdade, que é a liberdade da exaltação solitária; ela se torna responsável por aquilo que ela sabe sobre sua verdade, aprisiona-se em seu olhar indefinidamente remetido a si mesma. É finalmente acorrentada à humilhação de ser objeto para si própria. A tomada de consciência está ligada agora à vergonha de ser idêntica a esse outro, de estar comprometida nele e de já ser desprezada antes de ter podido reconhecer-se e conhecer-se.

3. O julgamento perpétuo. Através desse jogo de espelhos, como pelo silêncio, a loucura é chamada incessantemente a julgar a si mesma. Além do mais, ela é a cada instante julgada do exterior, não apenas por uma consciência moral ou científica, mas por uma espécie de tribunal invisível permanente. O asilo com que Pinel sonha, e que em parte realizou em Bicêtre e sobretudo na Salpêtrière, é um microcosmo judiciário. Para ser eficaz, essa justiça deve ser temível em seu aspecto; todo o equipamento imaginário do juiz e do carrasco deve estar presente ao espírito do alienado, para que compreenda bem a que universo do juízo ele é agora entregue. A encenação da justiça, portanto, fará parte do tratamento. Um dos internos de Bicêtre tinha um delírio religioso animado por um terror pânico do Inferno; acreditava que só conseguiria escapar à danação eterna através de uma abstinência rigorosa. Era preciso que esse temor de uma justiça distante fosse compensado pela presença de uma justiça imediata e ainda mais temível: "O curso irresistível de suas idéias sinistras poderia ser contrabalançado por outra coisa que não um receio vivo e profundo?" Uma noite, o diretor se apresenta à porta do doente

com um aparelho que o assustaria, o olhar em fogo, um tom de voz fulminante, um grupo de pessoas do serviço à sua volta, armadas de grossas correntes que agitavam com muito barulho. Uma sopa é colocada ao lado do alienado, intimado a tomá-la durante a noite se não quiser sofrer os tratamentos mais cruéis. O alienado é deixado no estado mais penoso de flutuação entre a idéia da punição com a qual é ameaçado e a perspectiva assustadora dos tormentos da outra vida. Após um combate interior de várias horas, a primeira idéia predomina e ele decide alimentar-se⁶².

A instância judiciária que é o asilo não reconhece nenhuma outra instância. Ela julga de imediato, e em

62. PINEL, *Traité médico-philosophique*, pp. 207-208.

grau de último recurso. Possui seus próprios instrumentos de punição, dos quais se serve à vontade. O antigo internamento era praticado freqüentemente fora das formas jurídicas normais; mas ele imitava os castigos dos condenados, usando as mesmas prisões, as mesmas celas, as mesmas sevícias físicas. A justiça que reina no asilo de Pinel não empresta da outra justiça seus modos de repressão; inventa os seus. Ou, melhor, utiliza os métodos terapêuticos que haviam sido difundidos no século XVIII, deles fazendo formas de castigo. E essa conversão da medicina em justiça, da terapêutica em repressão, não é um dos menores paradoxos da obra "filantrópica" e "libertadora" de Pinel. Na medicina da época clássica, banhos e duchas eram usados como remédios de acordo com a imaginação dos médicos sobre a natureza do sistema nervoso: tratava-se de refrescar o organismo, de distender as fibras ardentes e ressecadas⁶³. É verdade que se acrescentava também, entre as conseqüências felizes da ducha fria, o efeito psicológico da surpresa desagradável, que interrompe o curso das idéias e muda a natureza dos sentimentos; mas aqui, ainda estamos na paisagem dos sonhos médicos. Com Pinel, o uso da ducha torna-se francamente judiciário; a ducha é a punição habitual do tribunal de simples polícia constituído permanentemente no asilo:

Consideradas como meio de repressão, freqüentemente elas são o suficiente para submeter à lei geral de um trabalho manual uma alienada suscetível dessa ação, a fim de vencer uma recusa obstinada de alimentar-se, e dominar as alienadas arrebatadas por uma espécie de humor turbulento e racionante⁶⁴.

Tudo é organizado para que o louco se reconheça nesse mundo do juízo que o envolve de todos os lados; ele deve saber-se vigiado, julgado e condenado; da falta à punição, a ligação deve ser evidente, como uma culpabilidade reconhecida por todos:

Aproveitando-se o banho, recorda-se a falta cometida ou a omissão de um dever importante, e com a ajuda de uma torneira precipita-se bruscamente uma corrente de água fria sobre a cabeça, o que freqüentemente desconcerta o alienado, ou afasta uma idéia predominante através de uma impressão forte e inesperada; se houver obstinação, repete-se a ducha, evitando com cuidado os tons duros e os termos chocantes que revoltam; pelo contrário, faz-se a pessoa entender que é para seu próprio bem e com pesar que se está recorrendo a essas medidas violentas; algumas vezes recorre-se também a brincadeiras, tomando-se o cuidado de não levá-las longe demais⁶⁵.

Esta evidência quase aritmética da punição, o castigo repetido tantas vezes quantas necessário for o reconhecimento da falta pela repressão que dela se faz, tudo isso deve levar à interiorização da instância judiciária e ao nas-

63. Cf. *supra*, Parte II, Cap. 9.
64. PINEL, *Traité*, p. 205.

cimento do remorso no espírito do doente: é nesse ponto apenas que os juízes aceitam parar com o castigo, certos de que ele se prolongará indefinidamente na consciência. Uma maníaca tinha o costume de rasgar suas roupas e quebrar todos os objetos ao alcance da mão; submetem-na a uma ducha e à camisa-de-força; ela parece, finalmente, "humilhada e consternada", mas com receio de que essa vergonha seja passageira e o remorso demasiado superficial,

o diretor, para imprimir-lhe um sentimento de terror, fala com ela num tom de firmeza enérgica, mas sem raiva, e anuncia-lhe que doravante será tratada com a maior severidade.

O resultado esperado não se faz aguardar: "Seu arrependimento se anuncia através de uma torrente de lágrimas vertidas durante quase duas horas"⁶⁶. O ciclo está duplamente encerrado: a falta é punida, e seu autor se reconhece culpado.

No entanto, há alienados que escapam a esse movimento e que resistem à síntese moral por ele efetuada. Esses ficarão reclusos no próprio interior do asilo, formando uma nova população internada, aquela que não pode nem mesmo depender da justiça. Quando se fala de Pinel e de sua obra de libertação, muito freqüentemente se omite essa segunda reclusão. Já vimos que ele recusava o benefício da reforma asilar aos

devotos que se acreditavam inspirados, que procuravam incessantemente fazer outros prosélitos e sentiam um prazer péfido em excitar os outros alienados à desobediência sob o pretexto de que mais vale obedecer a Deus que aos homens.

Mas a reclusão e a cela serão igualmente obrigatórias para

aquelas que não conseguem dobrar-se à lei geral do trabalho e que, sempre numa atividade malévola, comprazem-se em irritar as outras alienadas, provocando-as, excitando-as continuamente com assuntos de discórdia

e para as mulheres

que durante seus acessos têm uma propensão irresistível para roubar o que lhes cai nas mãos⁶⁷.

Desobediência por fanatismo religioso, resistência ao trabalho e roubo: as três grandes faltas contra a sociedade burguesa, os três atentados maiores contra seus valores essenciais não são desculpáveis nem mesmo pela loucura; merecem a prisão pura e simples, a exclusão em tudo aquilo que ela pode ter de rigoroso, pois manifestam todos a mesma resistência à uniformização moral e social, que constitui a razão de ser do asilo tal como Pinel o concebe.

Outrora, o desatino era colocado fora do julgamento para ser entregue, na arbitrariedade, aos poderes da razão.

66. PINEL, *Traité*, p. 206.

67. *Ibidem*, p. 291, nota 1.

Agora ele é julgado: e não apenas uma vez, na entrada do asilo, de maneira a ser reconhecido, classificado e inocentado para sempre. Pelo contrário, é aprisionado num julgamento eterno que não pára de persegui-lo e de aplicar contra ele suas sanções, de proclamar suas faltas e por elas exigir uma multa, de excluir enfim aqueles cujas faltas implicam o risco de comprometer por muito tempo a boa ordem social. A loucura só escapou ao arbitrário para entrar numa espécie de processo indefinido para o qual o asilo fornece ao mesmo tempo policiais, promotores, juizes e carrascos. Um processo onde toda falta da vida, por uma virtude própria à existência asilar, torna-se crime social, vigiado, condenado e castigado; um processo cuja única saída é um eterno recomeçar sob a forma interiorizada do remorso. O louco "libertado" por Pinel e, depois dele, o louco do internamento moderno, são personagens sob processo. Se têm o privilégio de não mais serem misturados ou assimilados a condenados, são condenados a estar, a todo momento, sujeitos a um ato de acusação cujo texto nunca é revelado, pois é toda a vida no asilo que o formula. O asilo da era positivista, por cuja fundação se glorifica a Pinel, não é um livre domínio de observação, de diagnóstico e de terapêutica; é um espaço judiciário onde se é acusado, julgado e condenado e do qual só se consegue a libertação pela versão desse processo nas profundezas psicológicas, isto é, pelo arrependimento. A loucura será punida no asilo, mesmo que seja inocentada fora dele. Por muito tempo, e pelo menos até nossos dias, permanecerá aprisionada num mundo moral.

Ao silêncio, ao reconhecimento pelo espelho, a esse eterno julgamento, seria preciso acrescentar uma quarta estrutura própria do mundo asilar, tal como ele se constituiu ao final do século XVIII: é a apoteose da personagem do médico. De todas, ela é sem dúvida a mais importante, pois vai autorizar não apenas novos contatos entre o médico e o doente, mas um novo relacionamento entre a alienação e o pensamento médico e, enfim, comandar toda a experiência moderna da loucura. Até aqui, só se encontravam no asilo as próprias estruturas do internamento, porém defasadas e deformadas. Com o novo estatuto da personagem do médico, é o sentido mais profundo do internamento que é abolido: a doença mental, nas significações que ora lhe atribuímos, torna-se então possível.

A obra de Tuke e a de Pinel, cujo espírito e valores são tão diferentes, vêm encontrar-se nessa transformação

da personagem do médico. O médico, como vimos, não tinha lugar na vida do internamento. Agora ele se transforma na figura essencial do asilo. Ele comanda a entrada no asilo. O regulamento do *Retiro* esclarece:

No que diz respeito à admissão de doentes, a comissão deve, geralmente, exigir um certificado assinado por um médico... Deve-se estabelecer também se o doente está atingido por uma afecção que não a loucura. É igualmente desejável que se acrescente um relatório indicando há quanto tempo o indivíduo está doente e, se for o caso, quais os medicamentos utilizados⁶⁸.

Desde o fim do século XVIII, o certificado médico tinha-se tornado mais ou menos obrigatório para o internamento dos loucos⁶⁹. Mas, no interior do próprio asilo, o médico assume um lugar predominante, na medida em que o transforma num espaço médico. No entanto, e isto é essencial, a intervenção do médico não se faz em virtude de um saber ou de um poder médico que ele deteria, que se justificaria por um corpo de conhecimentos objetivos. Não é como cientista que o *homo medicus* tem autoridade no asilo, mas como sábio. Se a profissão médica é requisitada, é como garantia jurídica e moral, e não sob o título da ciência⁷⁰. Um homem de grandes conhecimentos, de virtude íntegra e com longa experiência do asilo poderia bem substituir o médico⁷¹. Pois o trabalho médico é apenas parte de uma imensa tarefa moral que deve ser realizada no asilo e que é a única que pode assegurar a cura do insensato:

Uma lei inviolável na direção de todo estabelecimento público ou particular de alienados não deve conceder ao maníaco toda a latitude de liberdade que pode permitir sua segurança pessoal, ou a dos outros, proporcionar a repressão à gravidade maior ou menor ou ao perigo constituído por seus desvios... recolher todos os fatos que podem servir para esclarecer o médico no tratamento, estudar com cuidado as variedades particulares dos costumes e temperamentos e manifestar suavidade ou firmeza, formas conciliadoras ou o tom imponente da autoridade e de uma severidade inflexível⁷².

Segundo Samuel Tuke, o primeiro médico que foi designado para o *Retiro* era recomendado por sua "perseverança incansável". Sem dúvida não tinha nenhum conhecimento particular das doenças mentais quando entrou para o *Retiro*, mas era "um espírito sensível que sabia muito bem que da aplicação de sua habilidade dependiam os inte-

68. Regulamento do *Retiro*, seção III, art. 5, cit. in S. TUKE, *loc. cit.*, pp. 89-90.

69. «A admissão dos loucos ou insensatos nos estabelecimentos que lhes são ou serão destinados em toda a área do departamento de Paris será feita mediante relatório de um médico e de um cirurgião legalmente reconhecidos». *Projet de Règlement sur l'admission des insensés*, adotado pelo departamento de Paris, cit. in TUETÉY, III, p. 500.

70. Langermann e Kant, com o mesmo espírito, preferiam que esse papel essencial fosse exercido por um «filósofo». Isso não está em oposição, pelo contrário, com o que pensavam Tuke e Pinel.

71. Cf. o que Pinel diz de Pussin e de sua mulher, por ele transformados em seus assistentes na Salpêtrière. SÈMELAIGNE, *Aliénistes et philanthropes*, Apêndice, p. 502.

72. PINEL, *loc. cit.*, pp. 292-293.

resses mais estimados de seus semelhantes". Tentou diferentes remédios sugeridos por seu bom senso e pela experiência de seus antecessores. Mas logo se desapontou, não porque os resultados fossem maus, ou o número de curas mínimo:

Mas os meios médicos estavam tão imperfeitamente ligados ao desenvolvimento da cura, que não pôde impedir-se de suspeitar que eram antes fatos concomitantes à cura e não sua causa⁷³.

Deu-se conta de que havia pouco a fazer com os métodos até então conhecidos. A preocupação de humanidade prevaleceu nele, e decidiu não utilizar medicamento algum que fosse muito desagradável para o doente. Mas não se deve crer que o papel do médico tinha pouca importância no *Retiro*: pelas visitas que regularmente faz aos doentes, pela autoridade que exerce na casa e que o coloca acima de todos os vigilantes, "o médico tem, sobre o espírito dos doentes, uma influência maior que a de todas as outras pessoas que devem zelar por eles"⁷⁴.

Acredita-se que Tuke e Pinel abriram o asilo ao conhecimento médico. Não introduziram uma ciência, mas uma personagem, cujos poderes atribuíam a esse saber apenas um disfarce ou, no máximo, sua justificativa. Esses poderes, por natureza, são de ordem moral e social; estão enraizados na minoridade do louco, na alienação de sua pessoa, e não de seu espírito. Se a personagem do médico pode delimitar a loucura, não é porque a conhece, é porque a domina; e aquilo que para o positivismo assumirá a figura da objetividade é apenas o outro lado, o nascimento desse domínio.

É muito importante ganhar a confiança desses enfermos e provocar neles sentimentos de respeito e obediência, o que só pode ser fruto da superioridade do discernimento, de uma educação distinta e da dignidade no tom e nas maneiras. A tolice, a ignorância e a falta de princípios, sustentados por uma firmeza tirânica, podem provocar o temor, mas sempre inspiram desprezo. O vigilante de um hospício de alienados que conseguiu ascendência sobre eles dirige e regulamenta seus comportamentos à vontade; deve ser dotado de um caráter firme e ostentar na ocasião um aparelho imponente de seu poder. Deve ameaçar pouco, mas executar, e, se for desobedecido, a punição deve vir de imediato⁷⁵.

O médico só pôde exercer sua autoridade absoluta sobre o mundo asilar na medida em que, desde o começo, foi Pai e Juiz, Família e Lei, não passando sua prática médica, durante muito tempo, de um comentário sobre os velhos ritos da Ordem, da Autoridade e do Castigo. E Pinel reconhece que o médico cura quando, fora das terapêuticas modernas, põe em jogo essas figuras imemoriais.

73. S. TUKE, *loc. cit.*, pp. 110-111.

74. S. TUKE, *op. cit.*, p. 115.

75. HASLAM, *Observations on insanity with practical remarks on this disease*. London, 1798. cit. por PINEL, *op. cit.* pp. 253-254.

Cita o caso de uma moça de 17 anos cujos pais a haviam educado com "extrema indulgência". Ela havia caído num "delírio alegre e folgazão sem que se pudesse determinar sua causa". No hospital, havia sido tratada com a maior suavidade, mas mostrava sempre um certo "ar altaneiro" que não podia ser tolerado no asilo; só falava "dos pais com amargura". Decide-se submetê-la a um regime de autoridade estrita;

a fim de domar esse caráter inflexível, o vigilante escolhe o momento do banho e manifesta-se com veemência contra certas pessoas desnaturadas que ousam levantar-se contra as ordens de seus pais e desconhecer a autoridade deles. Previne-a que a partir dali ela seria tratada com toda a severidade que merece, uma vez que ela própria se opõe à sua cura e dissimula com obstinação insuperável a causa primitiva de sua doença.

Com esse novo rigor e essa ameaça, a doente se sente profundamente comovida...; acaba reconhecendo seus erros e faz uma confissão ingênua, segundo a qual se havia perdido no caminho da razão após ter sido contrariada numa inclinação do coração, indicando o objeto dessa inclinação.

Após essa primeira confissão, a cura se torna fácil: "Efetuiu-se uma mudança das mais favoráveis...; ela se sente agora aliviada e não consegue expressar, como gostaria, todo o seu reconhecimento ao vigilante que fez cessar suas contínuas agitações e devolveu a tranquilidade e a calma ao seu coração". Não há um momento desse relato que não possa ser transcrito em termos de psicanálise. Tanto isso é verdade que a personagem do médico, segundo Pinel, devia agir não a partir de uma definição objetiva da doença ou de um certo diagnóstico classificador, mas apoiando-se nesses prestígios em que se ocultam os segredos da Família, da Autoridade, da Punição e do Amor; é jogando com esses prestígios, assumindo a máscara do Pai e do Justiceiro, que o médico, através de um desses bruscos atalhos que deixam de lado sua competência médica, transforma-se no operador quase mágico da cura e assume a figura de um taumaturgo. Basta que ele olhe e fale, para que as faltas secretas apareçam, para que as presunções insensatas se esfumem e a loucura finalmente se ordene pela razão. Sua presença e sua fala são dotadas desse poder de desalienação que de repente descobre a falta e restaura a ordem da moral.

É um curioso paradoxo ver a prática médica entrar nesse domínio incerto de quase-milagre no momento em que o conhecimento da doença mental tenta assumir um sentido de positividade. De um lado a loucura se coloca à distância, num campo objetivo em que desaparecem as ameaças do desatino; mas nesse mesmo instante o louco tende a formar com o médico, numa unidade sem divisões, uma espécie de par, onde a cumplicidade se faz através

de velhas dependências. A vida asilar, tal como Tuke e Pinel a constituíram, permitiu o nascimento dessa estrutura fina que será a célula essencial da loucura — estrutura que forma como que um microcosmo onde são simbolizadas as grandes estruturas maciças da sociedade burguesa e seus valores: relações Família-Filhos, ao redor do tema da autoridade paterna; relações Falta-Castigo, ao redor do tema da justiça imediata; relações Loucura-Desordem, ao redor do tema da ordem social e moral. É daí que o médico retira seu poder de cura, e é na medida em que através de tantas velhas ligações o doente se vê alienado no médico, no interior do par médico-doente, que o médico tem o poder quase milagroso de curá-lo.

No tempo de Pinel e Tuke, esse poder nada tinha de extraordinário; explicava-se e era demonstrado apenas pela eficácia das condutas morais; não era mais misterioso que o poder do médico do século XVIII quando diluía os fluidos ou distendia as fibras. Mas muito rapidamente o sentido dessa prática moral escapou ao médico, na medida mesma em que ele encerrava seu saber nas normas do positivismo: desde o começo do século XIX, o psiquiatra não sabia muito bem qual era a natureza do poder que havia herdado dos grandes reformadores, cuja eficácia lhe parece tão estranha à idéia que ele tinha da doença mental e à prática de todos os outros médicos.

Essa prática psiquiátrica, aumentada em seu mistério e obscurecida para aqueles mesmos que a utilizavam, é a responsável por muita coisa na situação estranha do louco no interior do mundo médico. A princípio, porque a medicina do espírito, pela primeira vez na história da ciência ocidental, vai assumir uma autonomia quase completa: desde os gregos ela não passa de um capítulo da medicina, e vimos Willis estudar as loucuras sob a rubrica das “doenças da cabeça”; após Pinel e Tuke, a psiquiatria vai tornar-se uma medicina de um estilo particular: os mais obstinados em descobrir a origem da loucura nas causas orgânicas ou nas disposições hereditárias não escaparão a esse estilo. E lhe escaparão menos ainda na medida em que esse estilo particular — com o uso de poderes morais — cada vez mais obscuros — estará na origem de uma espécie de má consciência; encerrar-se-ão tanto mais no positivismo quanto sentirão sua prática escapar a essa esfera.

A medida que o positivismo se impõe à medicina e à psiquiatria, singularmente essa prática torna-se mais obscura, o poder do psiquiatra mais milagroso e o par médico-doente mergulha ainda mais num mundo estranho. Aos olhos do doente, o médico torna-se taumaturgo; a autoridade que ele emprestava da ordem, da moral, da

família, parece ser por ele retirada, agora, dele mesmo. É na qualidade de médico que se supõe que ele esteja carregado desses poderes, e enquanto Pinel, com Tuke, ressaltava bem que sua ação moral não estava ligada necessariamente a uma competência científica, acredita-se, e o doente é o primeiro a fazê-lo, que é no esoterismo de seu saber, em algum segredo, quase demoníaco, do conhecimento, que ele encontrou o poder de desfazer as alienações; e o doente aceitará cada vez mais esse abandono às mãos de um médico ao mesmo tempo divino e satânico, em todo caso fora de uma medida humana. Ele se alienará no médico cada vez mais, aceitando em bloco e antecipadamente todo o seu prestígio, submetendo-se desde logo a uma vontade que ele sente como mágica e a uma ciência que ele acredita ser presciência e adivinhação, tornando-se assim afinal de contas o correlativo ideal e perfeito desses poderes que ele projeta sobre o médico, puro objeto sem outra resistência além de sua inércia, pronto para ser exatamente essa histórica na qual Charcot exaltava o maravilhoso poder do médico. Se se quisesse analisar as estruturas profundas da objetividade no conhecimento e na prática psiquiátrica do século XIX, de Pinel a Freud⁷⁶, seria necessário mostrar justamente que essa objetividade é desde a origem uma coisificação de ordem mágica, que só conseguiu realizar-se com a cumplicidade do próprio doente e a partir de uma prática moral transparente e clara no início, mas aos poucos esquecida à medida que o positivismo impunha seus mitos de objetividade científica; prática esquecida em suas origens e em seu sentido, mas sempre utilizada e sempre presente. O que se chama de prática psiquiátrica é uma certa tática moral, contemporânea do fim do século XVIII, conservada nos ritos da vida asilar e recoberta pelos mitos do positivismo.

Mas, se o médico se torna rapidamente um taumaturgo para o doente, a seus próprios olhos de médico positivista ele não o pode ser. Esse poder obscuro cuja origem ele não conhece, onde ele não pode decifrar a cumplicidade do doente e onde ele não consentiria em reconhecer os antigos poderes de que é feito, precisa receber dele um estatuto. E dado que nada no conhecimento positivo pode justificar semelhante transferência de vontade, ou semelhantes operações à distância, logo virá o momento em que a loucura será considerada, ela mesma, como a responsável por essas anomalias. Essas curas sem suporte e a respeito das quais se deve reconhecer que não são falsas curas, tornar-se-ão curas verdadeiras de falsas doenças. A loucura

76. Essas estruturas ainda persistem na psiquiatria não psicanalítica e, sob muitos aspectos ainda, na própria psicanálise.

não era o que se acreditava nem o que pretendia ser; era infinitamente menos que ela mesma: um conjunto de persuasão e mistificação. Vê-se em esboço aquilo que será o pitiatismo de Babinski. E, por um estranho retorno, o pensamento volta quase dois séculos para trás, à época em que entre loucura, falsa loucura e simulação da loucura o limite não era bem estabelecido — com uma mesma dependência confusa em relação à falta servindo-lhes de laço de união. E, bem mais longe ainda, o pensamento médico opera finalmente uma assimilação diante da qual hesitara todo o pensamento ocidental desde a medicina grega: a assimilação entre loucura e loucura — isto é, entre o conceito médico e o conceito crítico de loucura. Ao final do século XIX, e no pensamento dos contemporâneos de Babinski, encontra-se esse prodigioso postulado que nenhuma medicina havia ousado formular: a loucura, afinal, não passa de loucura.

Assim, enquanto o doente mental é inteiramente alienado na pessoa real de seu médico, o médico dissipa a realidade da doença mental no conceito crítico de loucura. De modo que nada mais resta, fora das formas vazias do pensamento positivista, além de uma única realidade concreta: o par médico-doente no qual se resumem, se ligam e se desfazem todas as alienações. E é nessa medida que toda a psiquiatria do século XIX converge realmente para Freud, o primeiro a aceitar em sua seriedade a realidade do par médico-doente, que consentiu em não separar do par nem seus olhares, nem sua procura, que não procurou ocultá-la numa teoria psiquiátrica bem ou mal harmonizada com o resto do conhecimento médico. O primeiro que seguiu rigorosamente todas as consequências desse fato. Freud desmistificou todas as outras estruturas do asilo: aboliu o silêncio e o olhar, apagou o reconhecimento da loucura por ela mesma no espelho de seu próprio espetáculo, fez com que se calassem as instâncias da condenação. Mas em compensação explorou a estrutura que envolve a personagem do médico; ampliou suas virtudes de taumaturgo, preparando para sua onipotência um estatuto quase divino. Trouxe para ele, sobre essa presença única, oculta atrás do doente e acima dele, numa ausência que é também presença total, todos os poderes que estavam divididos na existência coletiva do asilo. Fez dele o Olhar absoluto, o Silêncio puro e sempre contido, o Juiz que pune e recompensa no juízo que não condesce nem mesmo com a linguagem; fez dele o espelho no qual a loucura, num movimento quase imóvel, se enamora e se afasta de si mesma.

Freud fez deslizar na direção do médico todas as estruturas que Pinel e Tuke haviam organizado no internamento. Ele de fato libertou o doente dessa existência asilar na qual o tinham alienado seus "libertadores". Mas não o libertou daquilo que havia de essencial nessa existência; agrupou os poderes dela, ampliou-os ao máximo, ligando-os nas mãos do médico. Criou a situação psicanalítica, onde, por um curto-circuito genial, a alienação torna-se desalienante porque, no médico, ela se torna sujeito.

O médico, enquanto figura alienante, continua a ser a chave da psicanálise. Talvez seja porque ela não suprimiu essa estrutura última, e por ter conduzido a ela todas as outras, que a psicanálise não pode e não poderá ouvir as vozes do desatino, nem decifrar em si mesmos os signos do insensato. A psicanálise pode desfazer algumas das formas da loucura; mesmo assim, ela permanece estranha ao trabalho soberano do desatino. Ela não pode nem libertar nem transcrever e, com razão ainda maior, nem explicar o que há de essencial nesse trabalho.

Desde o fim do século XVIII, a vida do desatino só se manifesta na fulguração de obras como as de Hölderlin, Nerval, Nietzsche ou Artaud — indefinidamente irreduzíveis a essas alienações que curam, resistindo com sua força própria a esse gigantesco aprisionamento moral que se está acostumado a chamar, sem dúvida por antífrase, de a libertação dos alienados por Pinel e Tuke.